

INFORMATIVO SÃO VICENTE

PROVÍNCIA DE SÃO VICENTE DE PAULO • DEPARTAMENTO DE REGULAÇÃO DA MISSÃO



EDITORIAL

Informativo tutaméico

João Guimarães Rosa foi um dos seres mais sábios a pisar nesta terra de meu Deus, quieto, entendia de tudo. Misticamente sábio, foi um dos poucos capazes de prever a própria morte, e meses antes de seu último suspiro, lançou *Tutaméia: terceiras estórias*, uma coletânea de curtíssimos contos, ou pequenos romances elevados à potência máxima da síntese.

Ao final do prefácio da famigerada obra, Rosa afirmou: "o livro pode valer muito pelo que nele não deveu caber". Assim está nosso Informativo São Vicente 312, tutaméico, incontido e transbordante.

Tutaméico porque, como não referida obra roseana, está composto por textos menores, "ossos de borboleta", umas ninharias vicentinas. Também por ser coletânea, não tanto sobre um tema específico, mas pura inspiração dos autores que, ao elaborarem seus textos sem saberem uns dos outros, geraram uma obra surpreendentemente coesa, talvez pelo fato da inspiração brotar da mesma fonte.

Incontido porque, como poucas vezes na história recente do nosso boletim, recebemos mais textos que o possível de conter em nosso curto limite de páginas, isto exigiu um singelo acréscimo de 4 laudas. Ainda assim, bons textos ficaram de fora, não para sempre, mas no aguardo de uma próxima edição onde poderão pousar suas letras e ideias, por enquanto guardadas, mas não esquecidas.

Por fim, esta edição do ISV faz-se transbordante porque a brevidade dos textos publicados exige do leitor uma resposta mais ativa do que passiva. São textos que



nos convidam a sair em missão, a conhecer São Vicente de um jeito diferente, a ler livros ou ver filmes, a visitar missionários do passado e aprender com eles. São textos que transbordam estas páginas alcançando distância superior às letras escritas, exigindo uma resposta ativa do leitor. Preparados?

No mais, é importante dizer que esta edição é a mais eclética dos últimos tempos. Contamos com diversos colaboradores do universo vicentino e provincial. Acredito que esta diversidade só vem a enriquecer nosso modesto boletim. Já houve, entre os coirmãos da PBCM, quem acreditasse (ou acredite), que o Informativo São Vicente devesse publicar apenas textos escritos pelos coirmãos. Graças a Deus, essa mentalidade mesquinha está cada vez menos divulgada entre nós.

Desde sempre, o ISV propõem-se plural e aberto. Ele é herdeiro da antiga *Revista São Vicente*, de saudosa memória, e isto nos oferece fundamento histórico para abrir as portas de nossas páginas a quem desejar falar sobre nossas obras, ações, coirmãos, projetos, missões, pastoral e tudo o que couber dentro do contexto da gigantesca galáxia que é a ação vicentina no interior de nossa pequena Província.

Do Superior Geral à paroquiana que poucos conhecem, do Provincial ao Irmão Leigo, do ex-Padre ao Missionário de nonagenário, todos têm espaço. Em nossa tutaméia vicentina, todos cabem e a todos cabe colaborar. O próximo número não tarda. Envie seu texto. ■

Ir. Adriano Ferreira, CM

SUMÁRIO

Palavra do Visitador | pág. 4

Fazendo a travessia deste momento de tribulações e incertezas
Pe. Eli Chaves dos Santos

CM Global | pág. 5

Um santo falando de outro santo
Pe. Tomaž Mavrič

Artigo | pág. 6

Sínodo 2022
Sem. Ramon Aurélio Junior da Cunha e Manoel Godoy

Espaço dos Seminaristas | pág. 9

Notas sobre a APU
Sem. Sílvio Salinas

Obra da Província | pág. 10

Paróquia São Sebastião, Jenipapo de Minas
Sílvia Regina Martins

Cotidiano Provincial | pág. 14

Celebrações eucarísticas: em casa
Sacha Leite

Pastoral Vocacional | pág. 18

Vocação, um jeito de servir
Pe. Denílson Matias

Artigo II | pág. 20

Vencendo crises inspirados em Vicente de Paulo
Ir. Adriano Ferreira

Ficção | pág. 24

Uma história acerca do extraordinário, Exm. E Revm. Sr. Dom Antônio Ferreira Viçoso
Mardén Silva Balduino

Ação Social | pág. 27

Marmitex Solidária de São Vicente de Paulo
Sem. Leonardo Paredes

Perfil (In Memoriam) | pág. 28

Padre Rafael de Paula Lopes
Pe. Luiz de Oliveira Campos e Pe. Eli Chaves dos Santos

Família Vicentina | pág. 30

Viva São Vicente!
Da Redação

Dica de Livro | pág. 32

200 Anos da PBCM no Brasil: memórias de quem fez parte desta história
Marcus Alexandre Mendes de Andrade

Dica de Filme | pág. 34

A Aparição
Pe. Alexandre Nahass Franco

Memória da Província | pág. 35

Santa Ceia à brasileira
Da Redação



Província Brasileira da
Congregação da Missão

EXPEDIENTE

INFORMATIVO SÃO VICENTE é uma publicação trimestral da Província Brasileira da Congregação da Missão
ISSN 2596-2132

Direção Provincial 2020-2024

Visitador: Pe. Eli Chaves dos Santos, CM
Conselheiros: Pe. Agnaldo Aparecido de Paula, CM | Pe. Manoel Bedê Bertunes, CM | Ir. Adriano Ferreira Silva, CM | Pe. Gentil José Soares da Silva, CM

Redação

Editor: Ir. Adriano Ferreira Silva, CM
Jornalista Responsável: Sacha Leite MTB 30383/RJ

Colaboraram nesta edição

Pe. Alexandre Nahass | Pe. Denilson Matias | Pe. Eli Chaves dos Santos | Leonardo Almeida Paredes | Pe. Luiz de Oliveira Campos | Pe. Manoel Godoy | Marcus Alexandre Mendes de Andrade | Ramon Aurélio Junior da Cunha | Sílvio Salinas | Sílvia Regina Martins | Pe. Tomaž Mavrič | Pe. Vanderlei Alves

Revisão

Sacha Leite

Impressão e acabamento

Gráfica Printi

Site

www.pbcm.org/informativo

Contato da Redação

informativo@pbcm.org.br
Tel: (21) 2556-1055

Correspondência

Av. Almirante Barroso, 91 sl. 914
Centro Rio de Janeiro 20031-916

Tiragem desta edição

300 exemplares

Imagem de Capa

São Vicente de Paulo, por Ernest Dupont

As matérias e artigos assinado são de responsabilidade de seus autores, não expressando, necessariamente, a opinião dos editores do Informativo São Vicente. Desde já, nos desculpamos por possíveis equívocos ou imprecisões que o bondoso leitor relevará e corrigirá.

Pe. Eli Chaves dos Santos, CM

Fazendo a travessia deste momento de tribulações e incertezas

Novamente com vocês, nosso Informativo São Vicente. Aqui, nosso desejo de continuar partilhando nossa caminhada missionária vicentina; aqui, nosso sincero e modesto convite para permanecermos firmes no seguimento de Cristo, mantendo sempre viva e atuante nossa fé de discípulos missionários de Cristo, comprometidos com o serviço aos pobres.

Continuamos fazendo a travessia deste momento de tribulações e incertezas. Certamente, sentimo-nos perplexos e temerosos com os sofrimentos e os transtornos provocados pela pandemia; muitos lamentamos a morte de parentes e amigos próximos, sofremos com as muitas pessoas que estão enfrentando as doenças, que se encontram em dificuldades financeiras, ou que perderam seus empregos... Tudo isso agravado pelos sérios problemas, crises e desafios políticos, econômicos, sociais, éticos e pastorais presentes no país e na Igreja.

O mês vicentino de setembro, que acabamos de celebrar, e o mês missionário de outubro que agora vivemos nos lancem luzes e forças para, nestes tempos sombrios, animar-nos na fé e fortalecer-nos na esperança ativa. Dizia o Papa Francisco: *“o perigo de ser infectado por um vírus deve nos ensinar outro tipo de “contágio”, o do amor, que é transmitido de coração para coração”*.

A São Vicente de Paulo não lhe foram estranhas as pandemias e as grandes crises. Vivendo num tempo marcado pela fome, peste e guerra, seu coração e sua fé estiveram sempre sintonizados com os apelos dos pobres. Em meio às dores e instabilidades de seu tempo, Vicente permaneceu convencido de que, independentemente das circunstâncias, nunca devemos abandonar os pobres e os necessitados. Sempre confiante na Divina Providência e convicto de que tudo deve convergir

para a caridade, promoveu o serviço voluntário, coordenou campanhas de ajuda solidária e distribuição de donativos, enviou missionários lá onde os apelos dos pobres eram mais fortes, rezou e sacrificou-se em favor dos necessitados e sofredores. Na fé solidária, ele se contagiou com o amor de Cristo e se fez arauto da ternura e da misericórdia.

Em sua mensagem para o dia mundial das missões deste ano, o Papa Francisco diz: *“A compreensão daquilo que Deus nos está a dizer nestes tempos de pandemia torna-se um desafio também para a missão da Igreja. Desafia-nos a doença, a tribulação, o medo, o isolamento. Interpela-nos a pobreza de quem morre sozinho, de quem está abandonado a si mesmo, de quem perde o emprego e o salário, de quem não tem abrigo e comida. Obrigados à distância física e a permanecer em casa, somos convidados a redescobrir que precisamos das relações sociais e também da relação comunitária com Deus”*.

Mesmo assustados, desorientados e experimentando no sofrimento nossa fragilidade, o testemunho de São Vicente e os apelos missionários da Igreja nos ajudem a responder os apelos e desafios formulados pelo Papa Francisco, em *“Evangelii Gaudium”*: *“Não nos deixemos roubar o zelo missionário”* (n. 80), *“a alegria evangelizadora”* (n. 83), *“a esperança”* (n. 86), *“a comunidade”* (n. 92), *“o Evangelho”* (n. 97), *“o ideal do amor fraterno”* (n. 101) e *“nunca deixemos os pobres sozinhos”* (n. 48). Nestes tempos desafiantes de pandemia e crise, deixemo-nos ser contagiados pela missão como resposta, livre e consciente, à chamada de Deus. Na força da fé, vivida numa relação pessoal de amor com Jesus vivo na sua Igreja, digamos sempre: *“Eis-me aqui, envia-me”* (Is 6, 8). ■

Em meio às dores e instabilidades de seu tempo, Vicente permaneceu convencido de que, independentemente das circunstâncias, nunca devemos abandonar os pobres e os necessitados. Sempre confiante na Divina Providência e convicto de que tudo deve convergir para a caridade, promoveu o serviço voluntário, coordenou campanhas e distribuição de donativos, enviou missionários lá onde os apelos dos pobres eram mais fortes, rezou e sacrificou-se em favor dos necessitados e sofredores.

Pe. Tomaž Mavrič, CM

Uma santo falando de outro santo*

Santa Madre Tereza de Calcutá e o Servo de Deus Dom Janez Frančišek Gnidovec, CM

Ao iniciarmos o quinto século do Carisma Vicentino, somos encorajados pelo exemplo de milhares e milhares de nossos irmãos e irmãs da Família Vicentina que viveram, com todos os seus corações, almas e mentes, o carisma e espiritualidade vicentina em todo o 400 anos desde a nossa fundação. Eles nos transmitiram o dom de Deus, um caminho para a santidade, para que nós, por sua vez, o entregássemos às gerações futuras. A Igreja também reconhece muitos deles oficialmente como Santos, Abençoados e Servos de Deus.

Entre eles está o Servo de Deus, Dom Janez Frančišek Gnidovec, CM, cujo processo de beatificação foi concluído e agora aguarda um milagre para que a Igreja o reconheça oficialmente como beato.

Como membros da Família Vicentina, mas, é claro, não apenas limitados a seus membros, todos nós temos uma oportunidade maravilhosa de nos dirigir aos muitos Santos, Beatos e Servos de Deus em nossa Família. Pedimos-lhes que intercedam por nós diante de Jesus por nossas diversas intenções e necessidades, para nos ajudar, e a todos aqueles por quem oramos, em nossa peregrinação cotidiana na terra.

No final de janeiro e início de fevereiro de 2018, a Superiora Geral das Filhas da Caridade, Irmã Kathleen Appler; a Conselheira Geral, Irmã Hanna Cybula; o Visitador de nossa Província da Itália, Pe. Nicola Albanesi; a Visitadora da Província da Eslovênia, Irmã Francka Saje; o Superior da comunidade da Cúria Geral da Congregação da Missão, Pe. Giuseppe Carulli; e visitei a Albânia e Kosovo. Em todos os lugares que visitamos, sentimos a viva presença espiritual e a memória que o povo tem de Santa Madre Teresa de Calcutá. Ela era de origem albanesa, nascida em Skopje, capital da Macedônia.

Além da presença espiritual e da memória de Madre Teresa entre as pessoas da Albânia e do Kosovo, também sentimos o mesmo pelo Servo de Deus, Dom Janez Frančišek Gnidovec, CM. Ele era o Bispo da Diocese de Skopje-Prizren, um território onde viviam muitos albaneses, incluindo Madre Teresa.

O Bispo Gnidovec conhecia Madre Teresa desde a infância. Ele a acompanhou em seus primeiros anos e foi uma das ferramentas nas mãos de Jesus para ajudar Madre Teresa a descobrir sua vocação à vida consagrada e a tomar a decisão final de se entregar totalmente a Jesus. Dom Gnidovec celebrou a Eucaristia na qual Madre Teresa estava presente antes de sair de casa para entrar na vida consagrada.

Anos mais tarde, quando o processo de beatificação de Janez Frančišek Gnidovec começou, Madre Teresa foi convidada a ser uma das testemunhas. Ela escreveu uma

pequena nota na língua croata. Uma cópia, em sua própria caligrafia, está anexada. A nota diz:

Nosso bispo Gnidovec era um santo. Todos o chamavam por este nome. Ele era realmente um sacerdote segundo o coração de Jesus, com um coração manso e humilde.

Quando eu estava saindo para as missões, ele celebrou a Eucaristia para mim, deu-me a Sagrada Comunhão, me abençoou e disse:

“Você está indo para as missões. Dê tudo a Jesus, viva apenas para Ele, seja apenas Dele, ame apenas a Ele, ofereça-se apenas a Ele. Deixe Jesus ser tudo em sua vida.”

Estou convencido de que ele ora por mim e que tenho nele um intercessor diante de Jesus.

Um santo falando de outro santo.

Que esta maravilhosa história de vida e exemplo nos ajude a voltar regularmente nossos olhos para o céu e pedir a intercessão dos Santos, Beatos e Servos de Deus da Família Vicentina para nos acompanhar que ainda estamos em nossa peregrinação terrena. Eles estão ansiosos para nos ajudar!

Por meio de nossa confiança e fé, milagres continuarão a acontecer e aqueles que a Igreja ainda não reconhece oficialmente como Santos, Bem-aventurados e Servos de Deus, por meio de nossas orações, suas intercessões e os milagres aceitos pela Igreja, ser reconhecido formalmente como santos.

Claro, os santos, como tais, não precisam desse reconhecimento. É para o nosso bem. Precisamos desses exemplos extraordinários de vida cristã para nos ajudar a alcançar o objetivo final de cada cristão, de cada ser humano, a vida no céu, eternamente unida a Jesus, alcançando todos os nossos desejos mais profundos para todo o sempre.

Enquanto continuamos ou começamos a trilhar este caminho, gostaria de pedir-lhe o favor de enviar informações sobre as graças e milagres recebidos por intercessão de nossa Família Vicentina, Santos, Beatos e Servos de Deus para: Escritório da Família Vicentina Internacional (VFO) , Padre Joseph Agostino, CM, em vfo@famvin.org.

Esse escritório encaminhará a informação às pessoas responsáveis pelos diversos processos de nossos Bem-aventurados e Servos de Deus, aos Vice-Postuladores dos diversos países onde se realizam os processos ou ao Postulador Geral para toda a Família Vicentina em Roma, Padre Giuseppe Guerra, CM.

Que Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, Santos, Beatos e Servos de Deus da Família Vicentina, interceda por nós! ■

*Artigo original: cmglobal.org - tradução: Sacha Leite



Sem. Ramon Aurélio Junior da Cunha*

Manoel Godoy**

Sínodo 2022

Por uma igreja sinodal: comunhão, participação e missão

Nos últimos anos, notamos com frequência que o Papa Francisco convocou vários sínodos, como foi possível notar no primeiro capítulo deste artigo. Neste aspecto, em nosso texto consideramos a sinodalidade como um convite da Igreja na tentativa de retomada do Concílio Vaticano II, buscando a renovação diante do atual contexto do mundo hodierno. Entendemos que o objetivo de um sínodo, primordialmente, segundo o Papa Francisco, consiste na dimensão construtiva da Igreja, e que se estabelece mediante a necessidade de escuta. Em resumo, aprendemos com o Papa e o Concílio Vaticano II que: optar por construir uma Igreja dialogal a partir de sínodos é ao mesmo tempo uma inventiva de revisitar o Concílio Vaticano II. Por conseguinte, apontamos que a importância de revistar o Vaticano II está além da retomada e de revisitar o passado, mas segue a convicção de fazer florescer para além das letras o espírito dos padres conciliares.

O fato é que o pensamento que acompanha o magistério de Francisco, desenvolvido nestes anos do seu pontificado, emergindo à luz da comemoração dos 50 anos do Concílio Vaticano II, gera uma mudança radical e significativa no atual cenário eclesial e político da

Igreja. Ao querer uma Igreja mais sinodal e menos institucionalizada, o Papa convoca para o ano de 2022 um sínodo cujo tema é: *“Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”*. E como chave de leitura para compreender este momento, considera-se importantes as palavras de Francisco em que enfatiza a sinodalidade como via mestra na vida da Igreja retomando a palavra *Synodos*, recorrida por Eusébio, numa técnica da linguagem eclesiástica grega como lugar de reunião (Org. EICHER, 1991, p. 830).

O movimento, proposto por Francisco, culmina numa Igreja sinodal, apresentando características fundamentais para entender seu magistério. De forma única, o Papa “do fim do mundo” como ele mesmo diz, não hesita em deixar claro suas opções e sua forma de governar a barca de Cristo. Isto ocorre não só em palavras como vemos em seus documentos, mas, sobretudo através dos seus gestos e testemunho. Destes traços de um simples Bispo de Roma, encontra-se em seu magistério característica marcantes da sua trajetória eclesial latina americana. Como reflexo destas características notar-se-á profundamente no próximo sínodo dos bispos a busca pela continuidade e a construção de uma Igreja sinodal. Como chaves para entender as motivações so-

que será discutido no próximo sínodo podemos considerar três elementos importantes, a saber: comunhão, participação e missão.

No entanto, antes de explorar os três termos importantes para a compreensão do próximo sínodo, alguém poderá fazer a seguinte pergunta: é necessário um sínodo, para se atingir uma verdadeira conversão pastoral? Para responder a esta pergunta precisamos apontar o método utilizado por Francisco: *acompanhar, discernir e integrar*, e assim, não perder de vista o conceito de sinodalidade e inovação, enfatizando o concílio vaticano II e os documentos do seu magistério como subsídios fundamentais nesta compreensão. Sendo assim, é preciso resgatar, em tempos de sinodalidade, aquilo que Libânio apontava como dimensões fundamentais e centrais do concílio Vaticano II: base laical e colegial. Somente “neste movimento de base e de comunhão entre as comunidades em todos os níveis, a Igreja se libertará de muitas instituições pesadas. Será um avanço, se não se carregar com outras intuições” (LIBÂNIO, 2003, p. 238).

O avanço dado na escolha do tema para o próximo sínodo converge para estes dois elementos mencionados acima, quando citamos Libânio: base laical e colegial. Estes temas marcam profundamente o modo e o pensamento de Francisco e o modo como ele gostaria que a Igreja fosse neste século, e a sinodalidade como ele mesmo gosta de lembrar é via mestra na vida da Igreja. Assim, como sinodalidade, os termos: *comunhão, participação e missão* imprimem caracteres importantes neste processo de construção sinodal para o ano de 2022.

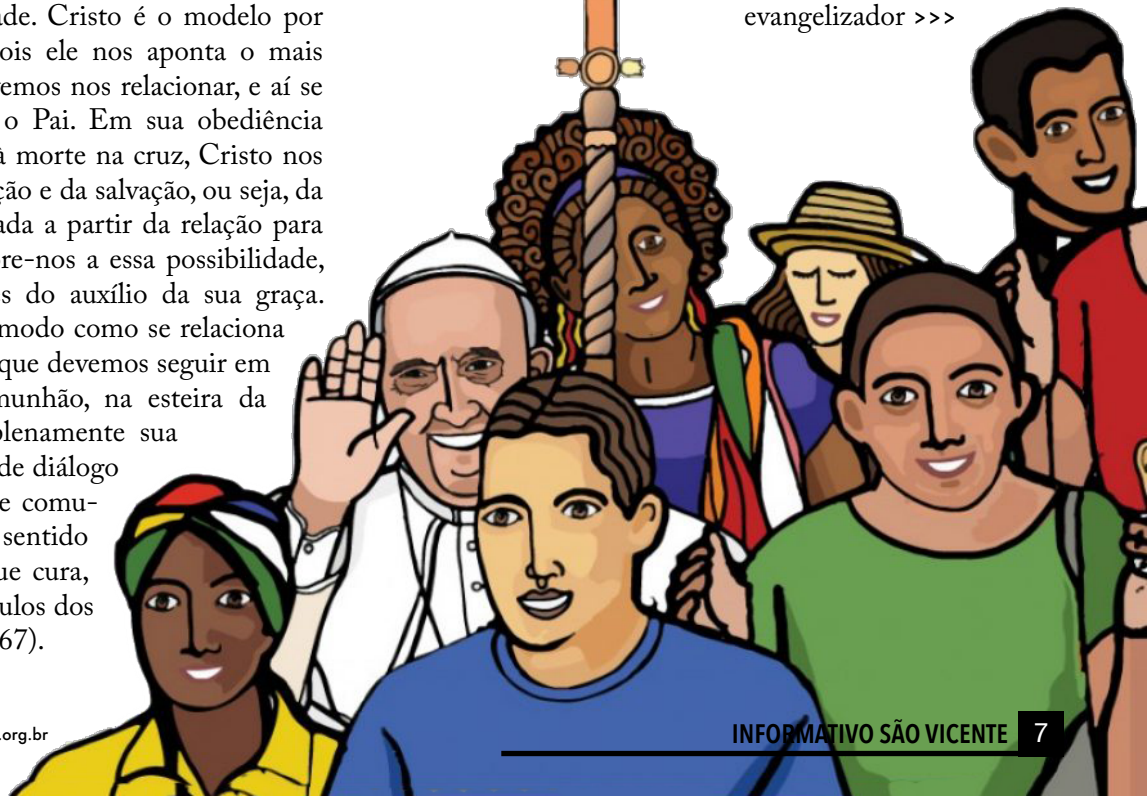
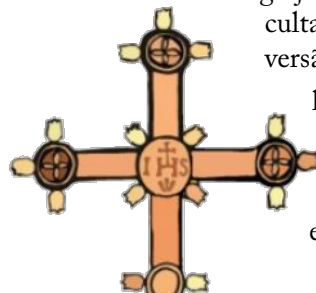
A *comunhão* certamente constitui o elemento fundante de nossa experiência de fé e nos transporta a experiência “dos com Jesus”. Este termo também é sinônimo de comunidade, de caminhada e colegialidade. Na comunhão o cristão confessa a fé em Cristo, que tem seu auge na profissão de fé original do cristianismo em Jesus Cristo, cujo caráter tem sentido de totalidade e unidade diante da diversidade. Cristo é o modelo por excelência de comunhão, pois ele nos aponta o mais sublime modo de como devemos nos relacionar, e aí se destaca a sua relação com o Pai. Em sua obediência perfeita e sua entrega livre à morte na cruz, Cristo nos mostra o caminho da revelação e da salvação, ou seja, da perfeita comunhão que é dada a partir da relação para com Deus. A comunhão abre-nos a essa possibilidade, que nos é garantida através do auxílio da sua graça. Olhando para o Cristo e o modo como se relaciona com o Pai, temos o modelo que devemos seguir em uma Igreja sinodal de comunhão, na esteira da qual os cristãos realizam plenamente sua vocação. Comunhão é sinal de diálogo e de respeito. O conceito de comunhão está interligado ao sentido sinodal e a ação pastoral que cura, “promove e fortalece os vínculos dos vínculos interpessoais” (EG 67).

Para Francisco o sinal de sinodalidade é “a manifestação mais evidente dum dinamismo de comunhão que inspira todas as decisões eclesiais” (FRANCISCO, 2015). E claro, não podemos deixar de fora o aspecto de comunhão nas relações interpessoais que encontram no sínodo um empenho ecumênico desenvolvido no Concílio Vaticano II tomando um destaque maior no pontificado de Francisco.

A participação, segundo o seu conceito é: um ato intrínseco àquele que está diretamente ligado, em comunhão com a comunidade. Participar significa não ficar de fora, estar por dentro dos assuntos e não estar às margens. A teologia de Francisco quer incluir a todos na participação de um sínodo e na edificação da Igreja. Uma Igreja participativa, sinodal e ministerial, veicula uma participação mais comprometida e engajada na construção e no desenvolvimento social e cultural (EG 67). No sentido mais amplo, a participação sinodal alcança uma demanda muito maior que um encontro somente entre o colegiado dos bispos e o papa, como afirma Francisco (2015): O nosso olhar estende-se também para a humanidade. Uma Igreja sinodal é como estandarte erguido entre as nações (cf. Is 11, 12) no mundo.

A sinodalidade, portanto, não constitui apenas um grupo ou certos movimentos dentro da Igreja. A participação que o sínodo buscará responder constitui a visão do Papa que visa uma ativa colaboração de todos os membros da ação evangelizadora da Igreja, homens e mulheres comprometidas com o Reino de Deus. Porém, neste ponto, se constitui um dos maiores desafios da

Igreja hoje. Este desafio dificulta uma verdadeira conversão pastoral na vida da própria Igreja que é: intensificar a mútua colaboração de todos, no testemunho evangelizador >>>





a partir dos dons e serviços de cada um, sem clericalizar os leigos nem secularizar o clero. Para verdadeira atuação da sinodalidade, a conversão pastoral exige que alguns paradigmas ainda muito presentes na cultura eclesial sejam separados. (CONRADO, 2020, p. 10).

O próximo sínodo se caracterizará pelos elementos apresentados acima: *comunhão e participação*. Ambos culminam em um terceiro elemento que é a *missão*. A missão constitui a ação e a vida da Igreja, que essencialmente é missionária por excelência. A missão é um convite a todos, como essência do ser batizado, no qual cada um desenvolve seu dom em função confiada pelo Senhor. Francisco está convicto de que numa Igreja sinodal, ele não está sozinho, mas junto com ele estão todos os batizados. Assim como o bispo entre os bispos, ele é chamado a continuar sua missão de guiar a Igreja com amor e fidelidade, cujo “primado é sempre Deus, que quis nos chamar a cooperar com Ele e impelir-nos com a força do seu Espírito” (EVANGELII GAUDIUM, n. 12).

A missão do missionário é antes de tudo, a partir do diálogo, acolher as “sementes do Verbo”, como diz Justino, de Roma. Ou seja, diante da missão da Igreja, todos os cristãos, como cidadãos do Reino, devem “colaborar com aqueles que agem no Espírito, mas não pertencem à Igreja” (BRIGHENTI, 2016, p. 95). O estado missionário deve constituir o aspecto fundamental, caracterizando primordialmente a Igreja sinodal em tempos de Francisco. E, oxalá, possamos dar passos largos nos próximos anos após seu magistério. Sendo assim, vemos no “ide” (cf. Mt 16, 15) de Jesus, os novos cenários e desafios da Igreja, cujo caminho se faz através da sinodalidade. Pois, somente na missão que “a alegria enche a vida da comunidade dos discípulos” (EG 21).

Cada um dos termos que constitui tema do próximo sínodo tem implicação direta no magistério de Francisco, configuram profundamente o que ele considera como sinodalidade. Desta forma, conclui-se que os três termos: *comunhão, participação e missão* não são termos deslocados

ou muito menos separatistas, ou seja, são termos intrinsecamente interligados como um na vida e na práxis da Igreja.

Num contexto de América Latina, crer numa Igreja sinodal é acreditar que a sinodalidade parte da fé no resuscitado. Comunhão, participação e missão devem conduzir a atitude de todos no sentido que a Igreja diminua o sofrimento e ajude a retirar da cruz os povos crucificados, como diz Jon Sobrino. Este sentido de sinodalidade deve ser resgatado numa dimensão prática de transformação eclesial. E neste ponto a nossa reflexão, numa perspectiva cristológica e eclesiológica latino-americana, pode ser caracterizada como uma teologia de cunho prático, em que se verifica a ortodoxia da fé cristã no seguimento de Jesus confessado como o Cristo. Nesse seguimento, os pobres, a Terra e toda a criação devem ganhar lugar significativo, e privilegiado, na reflexão sinodal de 2022, de modo que seja possível alcançar uma verdadeiramente uma conversão pastoral. Por fim, o que propõe o sínodo para 2022: comunhão, participação e missão reflete o pensamento do Papa Francisco, muitas das vezes só, remando contra a corrente. Mas não é só a ideia de um homem, escolhido por Deus, mas a voz ecoada, um grito de um Concílio que quer ser acolhido diante da resistência de muitos. É uma atitude que quer resgatar a dimensão prática e a transformação eclesial cuja conversão pastoral continua sendo um convite constante. ■

Bibliografia

- BRIGHENTI, Agenor. *Em que o vaticano II mudou a Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2016 – (Coleção Revisitar o Concílio).
- CONRADO, Sergio. *Sinodalidade e conversão pastoral*. Revista Vida Pastoral. Ano 61. n. 331 (Janeiro-Fevereiro/2020).
- EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. Trad. João Rezende Costa; Georges Ignácio Maissiat. São Paulo: Paulus, 1993.
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium: a alegria do Evangelho; sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.
- LIBÂNIO, João Batista. *Olhando para o futuro: Perspectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina*. Belo Horizonte: Edições Loyola, 2003.
- RAHNER, Karl. *Vaticano II: um começo de renovação*. Editora Helder. São Paulo, 1966.
- SUES, Paulo. *Dicionário da Evangelii Gaudium: 50 palavras-chave para uma leitura pastoral*. São Paulo: Paulus 2015.

* Seminarista da PBCM

** Professor de Teologia Pastoral e Supervisor de Estágio Pastoral na Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte.

Sem. Sílvio Salinas

Notas sobre a APU

Uma breve anotação sobre a Província Argentina da Congregação da Missão



A Província APU (Argentina, Paraguai e Uruguai) foi oficialmente fundada em 1873, após a chegada dos padres vicentinos franceses a Buenos Aires (Argentina), 14 anos antes. Desde o seu início, é composto por esses países; a Província é atualmente composta por 33 sacerdotes e dois diáconos temporários.

Contamos com duas Casas de Formação, uma localizada em Assunção, no Paraguai, e outra em Buenos Aires, na Argentina. As atividades pastorais são realizadas nos três países. No Uruguai, temos a paróquia da Medalha Milagrosa e o Santuário Paroquial de San Agustín. No Paraguai, além do Seminário, trabalhamos na Paróquia Niño Salvador del Mundo, na cidade de Boquerón, em Caazapá. Na Argentina temos o Santuário da Medalha Milagrosa no Parque Chacabuco, e a Casa Central, junto com o Seminário de Teologia, em Constitución, ambas em Buenos Aires. Em Santiago del Estero acompanhamos a Paróquia Nossa Senhora da Piedade. Em Córdoba, a Congregação assumiu uma Casa Missionária em Alma Fuerte. E em San Juan temos a Paróquia da Medalha Milagrosa e San Juan María Vianney.

Alguns padres trabalham fora da Província, um deles como diretor das Filhas da Caridade no Caribe, outros dois nas missões internacionais de Cuba e Moçambique, um padre diretor do CIF e outro que atualmente está servindo na Cúria Geral, como chefe da área de Comunicações.

Seminário interno no Brasil

A partir deste ano, a Província decidiu enviar seminaristas ao Brasil para a realização da etapa do Seminário Interno, não pela primeira vez. Em 1961, já haviam sido enviados dois seminaristas da APU para realizar o Seminário Interno com os coirmãos do Brasil.

Fazer parte do Seminário Interno Interprovincial, apesar da pandemia, é realmente uma experiência muito rica de aprendizagem. Os estudos sobre São Vicente e a Congregação, o conhecimento de uma nova cultura e língua, compartilhando com Coirmãos de outras províncias do Brasil são alguns dos pontos altos dessa bela experiência.

O caráter universal e missionário da Congregação exige que nos abramos para novos lugares e pessoas, por isso o Seminário Interno aqui no Brasil nos ajuda a abrir nossos horizontes e continuar crescendo no serviço e no amor aos mais pobres. ■



Igreja Matriz da Paróquia São Sebastião, em Jenipapo de Minas,

Silvia Regina Martins

Com colaboração do Pe. Wanderley Alves, CM

Paróquia São Sebastião, Jenipapo de Minas

A missão vicentina no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais

A Paróquia São Sebastião, de Jenipapo de Minas, diocese de Araçuaí, Minas Gerais, está localizada na região nordeste do estado, conhecida como Vale do Jequitinhonha. Uma região marcada por contrastes econômicos, sociais, culturais e religiosos, mas também de inúmeras belezas resultantes do processo de sua colonização.

Jenipapo de Minas não existia no início do século XX. Contam os antigos moradores que existia na locali-

zação onde hoje se encontra a Praça Bom Pai, um antigo cemitério, onde também se encontrava enterrado o venerado “Pai Joaquim”, escravo que, segundo dizem os moradores mais velhos, muito sofrera antes de morrer e a quem muitos moradores atribuem milagres e curas. Sua festa popular acontece todos os anos no primeiro final de semana do mês de maio. A festa é organizada pela Associação dos Devotos de Pai Joaquim. Uma festa que se destaca pela cultura e religiosidade popular.



do lado direito, Cruz das SMPV, realizadas em 2010.

Na década de 1940, algumas pessoas começaram a construir suas casas em local próximo ao antigo cemitério, onde foi se constituindo o lugarejo. A Capela de São Sebastião, primeira igreja da localidade, foi construída pelos primeiros moradores, onde se reuniam para missas, celebrações, vários padres vieram atender a localidade como Padre Bernardino, Padre Jaime, Frei Celeste, Padre Willy, Padre Vítor, entre outros, que não residiam aqui. Destacamos o Padre Vitor Gomes dos Anjos, que tinha uma propriedade próxima à cidade onde morava, e por muitos anos atendeu à região. Como meio de transporte usava um burro, para ele não existia limites geográficos que o impediavam de atender o povo.

A Paróquia São Sebastião foi oficialmente criada em 31/03/1981, pelo Decreto de número 002/81, assinado pelo então Bispo Diocesano Dom Silvestre Luís Scandian S.V.D. O território paroquial compreende o município de Jenipapo de Minas e comunidades dos municípios circunvizinhos de Araçuaí, Chapada do Norte e Francisco Badaró. Com um território extenso e um relevo muito acidentado, de precário acesso às comunidades rurais, como também a dificuldade de transporte e comunicação faz com que o processo de evangelização na paróquia seja um grande desafio.

A presença da Congregação da Missão na paróquia teve como marco inicial a primeira Missão Popular Vicentina, em janeiro de 1998, onde padres, seminaristas, religiosos e leigos de outras cidades, e também da própria paróquia, envolvidos na missão, visitaram famílias, comunidades rurais e urbanas, com momentos de oração, formação e escuta. O cruzeiro que marcou o encerramento da missão continua no mesmo local onde foi colocado, a missão marcou época e até hoje é lembrada, com saudade, por quem vivenciou esses momentos.

Em fevereiro de 2007 foi criada a obra Missão-Paróquia Vale do Jequitinhonha, na diocese de Araçuaí, especificamente para as paróquias de Francisco Badaró e Jenipapo de Minas. Os padres da Congregação da Missão fixaram residência em Francisco Badaró, atendendo à paróquia de Jenipapo de Minas. A obra iniciou com os padres Paulo José de Araújo CM, José Gonzaga de Moraes, CM, e Emanuel Bedê Bertunes, CM, diácono à época. Outros padres da Congregação da Missão que moraram na comunidade e atenderam a paróquia de Jenipapo de Minas: Pe. Raimundo João da Silva, Pe. Pedro Dias de Lima, Pe. Alex Sandro Reis, Pe. Marcus Alexandre, Pe. Luiz Rodrigues Veras, Pe. Getúlio Mota Grossi, Pe. José Valdo dos Santos e Pe. Wander Ferreira.

Atualmente morando em Jenipapo de Minas, o Padre Vanderlei Alves dos Reis, CM, é o Administrador Paroquial. Ele também pertence à comunidade/obra de Francisco Badaró, juntamente com o Padre Erik de Carvalho Gonçalves, CM, Irmão Louis Francescon Costa Ferreira, CM e Irmão Adalberto Costa Silva, CM.

Na Paróquia existe uma comunidade religiosa feminina, a Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, que pertence à Província de Belo Horizonte. A comunidade foi fundada na paróquia em fevereiro de 2001. Atualmente residem na comunidade as religiosas Irmã Nícia, Irmã Maria das Mercês, Irmã Zelaides e Irmã Conceição. Elas desenvolvem vários trabalhos pastorais e sociais na comunidade, principalmente com as pessoas em situação de vulnerabilidade social. Estão sempre dispostas para servir à comunidade, acompanhando, apoiando os grupos de reflexão, Juventude Mariana Vicentina, Grupo de Visitas aos enfermos, Oficina de bordados, Projeto Bom de Bola Bom na Escola, construção de casas para famílias carentes, Pastoral da Criança, Família Vicentina a nível paroquial e regional. Outras religiosas aqui moraram: Irmã Terezinha, Irmã Aparecida, Irmã Lourdes, Irmã Augusta, Irmã Rosaria, Irmã Elizabeth.

Em janeiro de 2010 celebramos a segunda Missão Popular Vicentina na paróquia com a presença de padres, leigos, irmãos, religiosos e seminaristas. Os missionários visitaram as famílias, reuniram os grupos e as comunidades, celebraram a vida.

A Paróquia São Sebastião hoje é constituída pela sede, em Jenipapo de Minas, além das comunidades urbanas, que são divididas por bairros (Centro, Laranjeiras, Alto do Campo, Pai Joaquim, Lagoinha, Agreste e Novo Horizonte). As comunidades rurais estão divididas em 4 setores: Setor Centro: Curtume, Bosque, Ribeirão >>>

do Bosque, Santana, Lagoa de Serafim, Cipó, Vila São José, São Lucas, Santa Luzia, São Tarcísio, Ribeirão de Areia 1, Machado Córrego, Machado Pai Joaquim, Machado Vila e Vargem Formosa. Setor 2: Agrovila 1, Barragem, Cacheira, São José do Bolas, Silvolândia e Martins. Setor 3: Santo Antônio do Bolas, São Judas, Muquém, Lagoa Grande, Campo Limpo e Veredas I. Setor 4: Granjas, Estiva, Ribeirão de Areia 2, Barra do Ribeirão do Granjas, Vargem do Setúbal, Agrovila 2, Veredas 2, Tamboril e Ribeirão da Cachoeira. O trabalho nos setores facilita a comunicação e a formação dos leigos.

As comunidades paroquiais conservam ainda hoje traços característicos do movimento das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), lugares de celebração da fé, centrada na Bíblia. As missas nas comunidades acontecem mensalmente, nas menores, a cada dois meses. Quando não há celebração da missa, as pessoas se reúnem para as celebrações da Palavra (Culto dominical), Grupos de Reflexão (Círculos Bíblicos), novenas e festas dos padroeiros das comunidades, além da novena de Natal. Uma característica marcante nas comunidades rurais da região é a ausência de boa parte dos homens por um grande período no ano, já que os mesmos viajam para o corte de cana, café e laranja, deixando mulheres e filhos, para buscar melhores condições de vida, uma vez que aqui não conseguem trabalho. As mulheres são conhecidas como viúvas de maridos vivos. Elas cuidam dos filhos, lavoura e gados, sozinhas por todo o período de ausência dos maridos.

A tradicional festa do padroeiro São Sebastião comemorada no dia 20 de janeiro é um momento de forte evangelização e confraternização da paróquia. A programação da festa é sempre diversificada com novenas, missas, leilões, procissões, levantamento do mastro e show pirotécnico. As procissões, leilão e mastro são animados

pela banda “Filarmônica Nosso Sonho” composta por adolescentes e jovens da cidade.

A Festa de Nossa Senhora da Conceição, principal evento do município, é realizada no mês de setembro. Trata-se de uma festa religiosa, que já acontece há muitos anos, e atrai visitantes de toda a região. Em sua programação há novenas, missas, coroação, leilões, levantamento do mastro, procissões, além de shows musicais com artistas, em praça pública, no centro da cidade. A festa de Nossa Senhora da Conceição é um grande momento para a paróquia e todo o município de Jenipapo de Minas. Todos aguardam ansiosos a chegada dessa festa que fortalece a fé e proporciona alegria, diversão e confraternização.

Ainda no mês de setembro, celebramos a festa de São Vicente de Paulo, com tríduo, procissão, missa, mastro, leilão e, no encerramento, uma confraternização comunitária. As solenidades religiosas são sempre preparadas e realizadas com zelo e entusiasmo por todos os paroquianos.

Os leigos participam ativamente na paróquia através de pastorais (ação da Igreja Católica no mundo ou o conjunto de atividades pelas quais a Igreja realiza a sua missão, que consiste primariamente em continuar a ação de Jesus Cristo), movimentos (embora atuem nas paróquias, geralmente são regidos por estatutos próprios e possuem coordenações nacionais e internacionais) e equipes de serviços (trabalhos que visam oferecer uma assistência religiosa, espiritual, formativa ou social diante das necessidades de pessoas ou grupos), que estão sempre à frente de diversas atividades, buscando sempre o protagonismo dos leigos. As pastorais, movimentos e serviços da nossa paróquia: Conselho Pastoral Paroquial – CPP, Conselho Paroquial Econômico, Catequese, Coroinhas, Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão, Grupo de Ora-

Procissão de São Sebastião, em Jenipapo de Minas.



Foto: Enviada por Padre Vanderlei Alves



Foto: Enviada por Padre Vanderlei Alves

Pe. Vanderlei celebra o Santo Padroeiro em frente à capela histórica

ção: Frutos no Espírito – RCC, Sociedade São Vicente de Paulo, Apostolado da Oração, Mãos Ensanguentadas de Jesus, Terço dos Homens, Mães que oram pelos filhos, Pastoral do Dízimo, Pastoral da Criança, Pastoral do Batismo, Grupo Consciência Negra, Juventude Mariana Vicentina, Equipe do Cuidado/Limpeza da Igreja, Equipe de Liturgia, Equipe de Cantos, Grupos de Reflexão/Círculos Bíblicos.

A Província Brasileira da Congregação da Missão, desde a sua chegada na Paróquia é sempre parceira das entidades locais através dos projetos sociais, visando a melhoria da qualidade de vida da população. O Projeto CPF – Construindo e Preparando o Futuro – foi um deles. Realizado em parceria com a prefeitura local, através da Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte, Turismo e Lazer, entre os anos de 2008 e 2012, o projeto visou a capacitação de educadores, crianças, jovens e lideranças comunitárias. Despertando o protagonismo, a valorização da cultura e saberes locais, tornou-se ainda mais evidente a íntima ligação entre evangelização, formação da consciência crítica e a promoção humana integral, como fez e recomendou São Vicente de Paulo.

A Província Brasileira da Congregação da Missão, por intermédio dos padres que aqui moraram, apoiou a AJENAI (Associação Jenipapense de Assistência a Infância) com o projeto *Fortalecimento de Vínculos*. Por meio desse projeto, a PBCM para impulsionar e fortalecer ações que se desdobraram e hoje já estão consolidadas,

como: o *Coral Ribeirão de Areia I* (contribuiu inclusive com a gravação do primeiro CD) e as *Bordadeiras do Curtume* (contribuiu para o momento de formação do grupo enquanto espaço de encontro, troca, aprendizagem umas com as outras, construção do sentimento de pertencimento ao seu lugar, a valorização dos saberes e a descoberta dos talentos). Hoje o projeto visa a promoção e geração de renda, e têm multiplicado seus talentos pelo mundo. Além das ações citadas também surgiram outras como: *Intercâmbio da saúde, Mostra Cultural, Grupo de Dança e Trupe de Circo*.

Entre os anos de 2013 e 2018 os padres da Congregação da missão deixaram de atender a paróquia de Jenipapo de Minas. Ainda assim, os trabalhos desenvolvidos com as comunidades, os vínculos criados, o jeito Vicentino de ser e evangelizar, continuaram sendo vividos e lembrados por todos da paróquia, numa mistura de saudade e gratidão. No ano de 2019 o Bispo diocesano Dom Marcello Romano pediu ao Visitador Provincial Padre Geraldo Eustáquio Mól Santos, CM, para que a Congregação voltasse a assumir a Paróquia de Jenipapo de Minas.

Com um ano de trabalho, já é notável o quanto caminhamos, recuperando a alegria de ser Igreja, o sentimento de pertença das comunidades e pessoas. O carinho e acolhimento na paróquia, o ardor missionário de São Vicente. Uma Palavra da Escritura deu sentido para sua missão tão atual nos dias de hoje: “O Senhor me enviou para evangelizar os pobres” (cf. Lc 4,18). ■

Sacha Leite

Celebrações eucarísticas: em casa

Lazaristas falam sobre a modalidade virtual de evangelização

Em março, quando a ameaça de contaminação pelo novo coronavírus começou a indicar protocolos de isolamento social, o fechamento de paróquias apontou, como solução alternativa para a continuidade dos momentos de espiritualidade, as celebrações de missas *on-line*. Essa realidade veio para ficar? Qual o alcance desse tipo de ritual? O que não é adaptável a este formato? Para responder a essas e outras perguntas ouvimos alguns coirmãos da Província Brasileira da Congregação da Missão, que desde o primeiro semestre deste ano, vêm celebrando *on-line*. Eles compartilham aqui parte das descobertas e dificuldades deste momento em que todos fomos obrigados a nos reinventar para continuarmos desempenhando as tarefas cotidianas.

Pe. Denilson Matias celebra missa transmitida ao vivo, via Facebook

ISV: Desde quando o senhor celebra missas on-line? Antes de realizar esse tipo de celebração, possuía alguma noção, conceito ou preconceito a respeito dessa prática?

Pe. Paulo José: Estamos celebrando as missas desde o início da pandemia, em março. Não tínhamos noção nenhuma sobre o assunto, nem preconceito. Graças a Deus temos uma equipe da Pascom muito eficiente. Iniciamos as transmissões por dados móveis do meu celular, pelo Facebook da paróquia. Após um mês de transmissões, criamos um canal da paróquia no Youtube. Conseguimos mais de três mil inscrições, mas só foi possível transmitir por este canal depois que instalamos uma internet por fibra ótica dentro da Igreja Matriz, pois não dava para transmitir com dados móveis.

Pe. Evilásio: Em virtude da pandemia, Campina Verde se fez obediente às normas decretadas pelas autoridades públicas e também às orientações recebidas de nosso Bispo Diocesano Dom Irineu Andreassa, da Diocese de Ituiubata. Não poderíamos ignorar a gravidade da pandemia. Nossa paróquia buscou oferecer espiritualidade para fortalecer os fiéis nesse momento. O novo estilo de vida paroquial levou nossa Igreja, como Mãe e Mestra, a ajudar seus filhos nesse caminho. Assim sendo, eu, Padre Evilásio Amaral Júnior, CM, Padre Donizete Dombroski, CM e Padre Hugo Silva Barcelos, CM, demos enfoque especial à "Igreja Doméstica".

ISV: De onde as missas estão sendo transmitidas?

Pe. Wander: Atualmente, morando no seminário, as Missas só são transmitidas quando vamos ajudar em alguma paróquia, como por exemplo, em nossa paróquia Pai Misericordioso no bairro Paulo VI ou na paróquia Santa Catarina Laboré, do bairro Dona Clara, onde somos muito solicitados.

Pe. Weliton: As Missas na paróquia Pai Misericordioso, da Arquidiocese de Belo Horizonte, estão sendo transmitidas da comunidade São José Operário, que é a comunidade referente à matriz, onde nós temos uma melhor estrutura, tanto de material quanto de pessoas para ajudar nessa nova modalidade, de modo que é preciso uma pequena equipe para trabalhar junto na transmissão para que seja mais eficaz. Sozinho é impossível.

Pe. Erik: Em Francisco Badaró, nordeste de Minas Gerais, onde a maior parte das comunidades da paróquia Nossa Senhora da Conceição é rural, celebro na rádio, pois a internet não é muito boa e na zona rural é quase inexistente. Foi uma experiência mais desafiadora, pois o espaço é mais restrito, só comporta duas pessoas, e a exigência é maior, por não haver o recurso visual.

Pe. Evilásio: O cotidiano religioso foi realizado virtualmente através de nossa página na Internet Paróquia Nos-

sa Senhora da Medalha Milagrosa, Campina Verde-MG. Missas, Adoração do Santíssimo Sacramento, Meditações e vários momentos religiosos foram realizados e compartilhados em nossos lares: "Igreja Doméstica". As famílias se uniram vivendo juntas, em seu lar, momentos abençoados de Fé e Unção. Claro que dentro das normas previstas para não propagar o vírus: (Distanciamento). O que mais nos chamou à atenção foi a participação da Zona Rural, porque em muitas regiões não tiveram acesso à internet, mas nossos pastores levaram as Celebrações e a Palavra de Deus através da Rádio Sucesso de Campina Verde.

ISV: Como tem sido a audiência? O senhor ou a paróquia tem recebido algum feedback a respeito das lives?

Pe. Wander: A audiência está muito boa. Os nossos fiéis acreditam que foi uma saída muito boa para continuar os trabalhos de evangelização e não deixar esmorecer a fé.

Pe. Weliton: A audiência extrapola os limites paroquiais.

Pessoas do interior de Minas, de outras paróquias aqui de Belo Horizonte, famílias do Rio de Janeiro, de São Paulo, Espírito Santo, da Bahia. Muitas pessoas foram dando feedback que estão acompanhando as missas dominicais pela paróquia Pai Misericordioso. Nós inicialmente usamos a plataforma do Facebook e, um pouco mais a frente, conseguimos também usar a plataforma do YouTube, de modo que o alcance se tornou maior. Ao mesmo tempo, recebemos algumas

críticas para melhorarmos a nossa transmissão. Manter as pessoas te acompanhando, manter os seguidores é um desafio porque isso depende também de uma transmissão de qualidade. E nisso sabemos que estamos ainda engatinhando.

Pe. Paulo José: Geralmente costumam ter umas 250 a 300 pessoas ao vivo, mas no prazo de um dia chegamos a mais de 700. Ouve missas que passamos dos mil acessos.

ISV: Houve algum momento de dificuldade no que se refere ao uso ou domínio das novas tecnologias de comunicação, seus códigos e protocolos?

Pe. Wander: É claro que, para quem não dominava, como é meu caso, houve dificuldades. Mas como estamos rodeados de pessoas que dominam com muitas facilidades essas tecnologias, não houve dificuldades em aprender a manuseá-las. Não há como fugir dessas tecnologias, o povo está manuseando o tempo todo, só a maior parte dos idosos que tem dificuldades.

Pe. Weliton: Lembro que fiquei surpreso e ao mesmo tempo me senti incapaz de celebrar dessa forma, porque era uma novidade para mim e para muitos padres, apesar desta modalidade virtual on-line ser algo já difundido e vivenciado, de modo especial pelas novas gerações. >>>

Então, nós, que não tem muito costume ou hábito com o mundo virtual, ficamos um pouco receosos, temerosos, achando que não ia dar certo. Então, formamos aqui uma pequena equipe para ajudar na transmissão das celebrações virtuais. Não tínhamos, no início, nenhuma ideia de como iríamos fazer, de como aconteceria, que material seria necessário. Então, na prática, está sendo uma construção.

Pe. Paulo José: Somente no início. Mas Deus abençoou muito nossa equipe. Nosso diferencial sempre foi o áudio, pois nosso operador de som fez uma ligação direta da mesa de som para o celular, dando uma qualidade de áudio muito boa. Quando transmitíamos por dados móveis passamos umas raivas, pois a conexão caía e havia reclamações dos fiéis que estavam assistindo.

Pe. Juarez: Sim, algum receio, timidez, nunca tinha utilizado esse tipo de recurso ou tecnologia. Mesmo que os nossos recursos tenham sido os mais simples: celular, som e microfone da igreja, isso só foi possível com ajuda dos jovens do EJC, Encontro de Jovens com Cristo.

ISV: Em sua opinião, o que é necessário para se realizar uma boa missa on-line?

Pe. Wander: Preparar com bastante zelo, interagir com os fiéis, ser objetivo e esperançoso, ser muito acolhedor e estar sempre mostrando que Deus é o Senhor da vida e não da morte.

Pe. Paulo José: Preparar o link com antecedência; iniciar uns cinco minutos antes com um hino, a fim de que os fiéis que assistem possam entrar na transmissão um pouco antes; iniciar a missa no horário marcado; a pessoa que filma tem que entender de liturgia, senão perde o foco; o áudio tem que ser bom, captar o áudio do ambiente faz com que a transmissão fique pobre; realizar uma prévia antes da missa com a turma que canta e lê, passando o som para conferir se o áudio está chegando bem, treinar a distância dos microfones na boca, a entonação da voz e a comunicação visual. Outro detalhe importante está na pessoa do padre. Ele tem que ter desenvoltura para dar atenção aos fiéis presentes na igreja e aos que assistem de casa, além de tomar o cuidado para não focar somente na câmera.

Pe. Erik: O mais importante nessas transmissões é se preparar bem, para que a mensagem seja precisa e clara e o rito seja preservado, levando em conta que nunca imaginamos o real alcance da mensagem, pois com o aplicativo da rádio pessoas de muitos lugares, católicas ou não, nos acompanham. Assim, o maior desafio neste tipo de experiência, segundo o meu pensar, é não reduzir a Celebração Eucarística a um espetáculo que visa um retorno imediato, seja pelas expressões faciais, seja pelos comentários após o encontro celebrativo, já que não temos ideia de

quem esteja participando. E, para além disso, a fé cristã é fundamentalmente comunitária, com gestos e falas de acolhida, pois, acredito que a fé passa, necessariamente, pelo afeto (At 2,42). Mas a pandemia nos ajudou a nos reinventar na evangelização e a nos aperfeiçoar nas novas tecnologias, embora elas já estivessem à nossa disposição.

Pe. Juarez: Uma boa aparelhagem ou bons recursos, noção de comunicação, treinamento de uma equipe de transmissão, conscientização da comunidade, muita criatividade na comunicação e cuidado com os textos, que devem ser mais curtos e breves.

ISV: Quais são os principais desafios das missas virtuais? De forma geral acha que houve alguma evolução nesse sentido, nesta época de pandemia?

Pe. Wander: Na minha opinião, o maior desafio é a falta da Sagrada Comunhão, que o é o ponto mais alto da Santa Missa, portanto quem está participando virtualmente não atinge este ponto mais alto. Por mais que motivemos o recebimento espiritual da Sagrada Comunhão, para os

que estão em casa, quem a recebeu frequentemente nas missas presenciais não se sente preenchido totalmente com as Comunhões virtuais.

Pe. Toni: Nós somos habituados a celebrar com a comunidade ali reunida, a assembleia reunida, de modo que essa proximidade facilita muito a comunicação, a transmissão do sentimento e da emoção. Na missa virtual, o grande desafio, principalmente na fase inicial, é você celebrar com a ausência dos

fiéis. A impressão é de que estamos interpretando, ou de que estamos atuando, fazendo algo teatral. No início, essa sensação causa um desconforto, mas depois vai se transformando porque a gente vai vendo que as pessoas estão de fato nos acompanhando e celebrando também. A gente está levando as pessoas a rezar, a ter intimidade com Deus, um encontro com Cristo na palavra e na comunhão espiritual. Então, com o passar do tempo, essa sensação vai sendo transformada.

ISV: Há algo da missa presencial que é impossível de ser realizado ou transposto para a realidade virtual?

Pe. Weliton: A missa presencial é fundamental para que ali nós possamos, de fato, com a comunidade reunida, povo de Deus, com a Igreja, corpo místico de Cristo, celebrar a eucaristia. Ali, quando estamos presentes com os fiéis, tem-se uma emoção diferente, uma emoção que não é sentimentalismo. O que é, de certa forma, diferente na missa virtual, na transmissão on-line. As pessoas que nos acompanham demonstram essa limitação do virtual, dizendo "nossa, padre, é muito bom acompanhar a missa da paróquia, celebrar virtualmente, acompanhar a comunida-

de, só que falta a eucaristia, falta receber o Cristo eucarístico, por mais que a gente motive a comunhão espiritual, essa intimidade de oração com Deus no momento da distribuição da eucaristia.

Pe. Juarez: Muita coisa: o encontro fraterno, o abraço, o aperto de mão, a presença... A insubstituível Comunhão Eucarística, muito diferente da tão divulgada "comunhão espiritual".

ISV: Como definir, resumidamente, a diferença entre a missa on-line e a presencial?

Pe. Paulo José: Na missa on-line não dá para improvisar, pois fica gravado para a eternidade. O padre tem que estar muito bem preparado para falar e conduzir a missa liturgicamente correta. O tempo da missa on-line tem que ser breve, se possível, em uma hora. Nas missas presenciais costumamos passar desse tempo.

Pe. Weliton: A presença, a acolhida, a recepção calorosa, a audição, a presença física, isso é um grande diferencial. De modo que a missa on-line nunca vai substituir uma missa presencial. É como se faltasse um elemento importante, que é a comunidade congregada. Isso de fato é insubstituível. E depois a gente celebra a eucaristia em nome da Igreja, em nome de todos os fiéis mas para quem está acompanhando de longe, de fato falta receber presencialmente a comunhão em Cristo, de modo que o ser humano nunca ficará satisfeito plenamente com a celebração virtual e com a comunhão espiritual.

Pe. Juarez: A Missa on-line, é fria, é vazia, deixa uma sensação de comodismo, a presencial é encontro, sente-se calor ou frieza, empatia ou antipatia, cheiro ou não, diálogo, compromisso desde o sair de casa, andar, ir e vir...

ISV: Qual conselho você daria a um Coirmão que tenha interesse em transmitir momentos de espiritualidade pela internet,?

Pe. Wander: Direi a ele que a mensagem do Evangelho não pode ser interrompida por causa desta pandemia. Temos que ser "inventivos na caridade e zelosos na missão". Temos que nos colocar nos braços da Divina Providência e deixar que ela conduza as nossas ações. Se não utilizarmos a internet para evangelização neste período, deixamos de atingir a maioria de nossos fiéis e damos espaço para o esmorecimento na fé ou até mesmo para outras ideologias religiosas e interesseiras se apropriem do espaço.

Pe. Weliton: Devemos motivar os coirmãos a continuar usando as redes sociais como um meio e caminho para a evangelização, para a luz da palavra, para os sacramentos, de modo especial da eucaristia para a formação também dos leigos. A gente percebe que depois dessa pandemia, conversamos aqui entre nós, os padres e também seminaristas, muita coisa vai ficar e uma das coisas que nós não vamos poder fugir vai ser essa realidade virtual que possibilita muito a comunicação e o andamento das coisas da paróquia. A gente vai aprendendo o jeito, a forma de se

comunicar de modo que é preciso nos motivar. Precisamos ter novas ideias para poder representar novos projetos de celebração e formação, através das mídias sociais.

Pe. Erik: A missa online é uma forma de fazermos a experiência do cumprimento da promessa que Deus faz através do Apóstolo Paulo que "nada será capaz de nos separar do amor de Cristo" (Rm 8,38-39), mas nunca será o modo ordinário da Igreja celebrar a Eucaristia. Assim, se posso dar algum conselho sobre essa realidade, gostaria de dizer que se a nossa finalidade é evangelizar e manter a comunidade em comunhão, Deus está conosco e sempre nos conduz pelos melhores caminhos, afinal a obra não é nossa, é dele, por isso vai e faça bem feito, se preparando bem, pois o que nosso esforço não der conta, Deus completará. Nunca deve ser para autopromoção, mas para a evangelização.

Pe. Juarez: Conseguir bem os recursos necessários, nunca deixar o virtual ofuscar o presencial. Acho que vez ou outra vale a pena transmitir alguma celebração ou momento de espiritualidade. Deixar a simplicidade agir tanto no falar quanto no agir, nada de vaidade e promoção pessoal cabe nesse meio, se isto acontecer acaba sendo um desserviço...

ISV: O que você diria a respeito dos protocolos de segurança e higiene adotados? Como é para um padre ter que lidar com esse tipo de problema?

Pe. Paulo José: Hoje nossas missas já são presenciais, mas com restrições. Podem participar até 128 fiéis por missa, fora os membros das equipes envolvidos na missa: cinco membros da acolhida, para receber os fiéis, higienizar as mãos deles com álcool líquido 70º e medir a temperatura; dois membros da equipe do dízimo; dois ministros extraordinários da Eucaristia; um membro da Pascom; um operador de som; dois leitores, três a quatro tocadores e cantores e o padre, que preside a Eucaristia.

Pe. Evilásio: Pouco a pouco, também seguindo orientações preventivas e higiênicas, as celebrações presenciais estão acontecendo: distanciamento de 2 metros entre as pessoas, mais espaços entre bancos e cadeiras, obrigatoriedade dos uso de máscaras por todos no interior do templo, disponibilidade de álcool em gel na entrada e na saída da Igreja, higienização constante de objetos essenciais às Celebrações, dos bancos e cadeiras de cada ambiente.

ISV: Há algo que gostaria de acrescentar?

Pe. Evilásio: A "Igreja Doméstica" não esqueceu dos valores aqui plantados pelos padres Lazaristas. A espiritualidade foi a mola mestre destes tempos de quarentena e isolamento. Os fiéis nos deram testemunho contando da grande graça de rezarem unidos. As famílias sentiram uma graça muito grande da força da oração com "Fé, esperança e amor". A conscientização dos fiéis junto a "Pastoral do Dízimo" foi fielmente cumprida nessa quarentena. Agora, pouco a pouco, as portas das Igrejas estão abertas. ■

Pe. Denílson Matias, CM

Vocação, um jeito de servir

Entendendo o conceito de vocação a partir de uma nova perspectiva

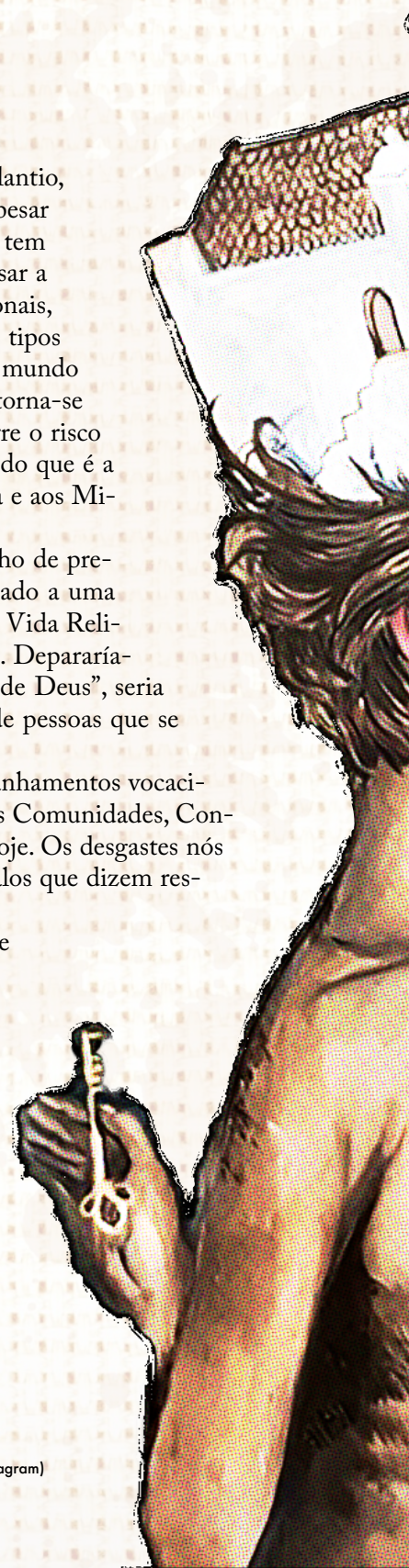
A Igreja geralmente tem abordado a questão vocacional numa perspectiva de plantio, cultivo e cuidado, dentro de uma teologia que fala da Cultura Vocacional. Apesar dos seus esforços, de um modo mais amplo, parece que a palavra “vocação” tem perdido o seu sentido original, ao ser misturada com a questão profissional. Basta acessar a internet e encontraremos uma grande quantidade de testes vocacionais, sessões vocacionais, dentre outras coisas que fazem referência à vida profissional, às carreiras docentes, aos tipos de emprego e por aí vai. Vocação e profissão começaram a andar de mãos dadas. Um mundo marcadamente movido pelo desejo do sucesso e do êxito é o lugar em que a “vocação” torna-se mais um termo que designa trabalho no mundo da experiência *coaching* e, por isso, corre o risco de ficar lançada no vazio. Consequentemente, olhares e compreensões rasas a respeito do que é a vocação, na Igreja, podem contribuir para que o chamado à Vida Religiosa Consagrada e aos Ministérios Ordenados passem a ser percebidos como carreira ou profissão.

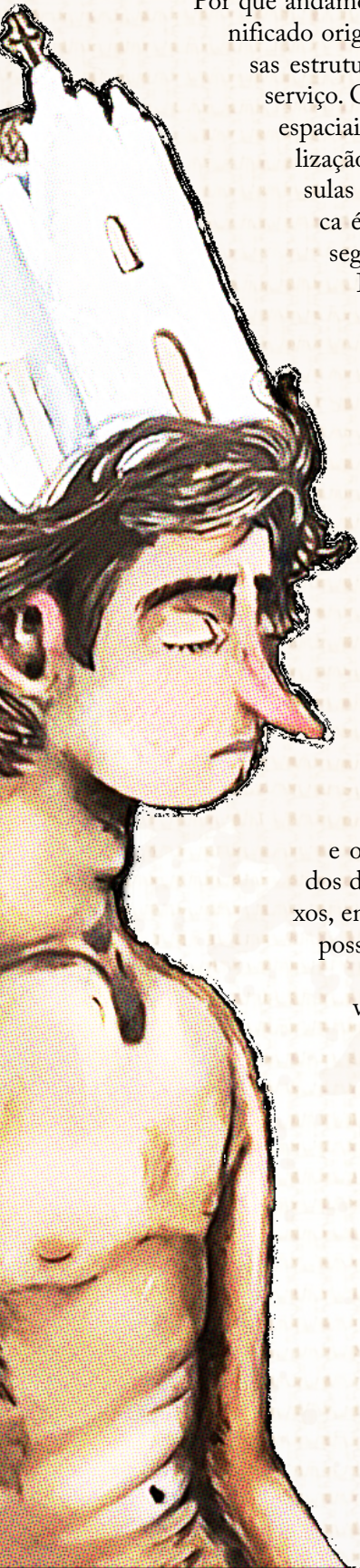
Essa ideia equivocada de vocação pode reduzir o caminho vocacional a um caminho de pretensões ao sucesso, ao êxito profissional, transformando, assim, a experiência do chamado a uma pura experiência de caminho para o privilégio. Nesta perspectiva, o *status* clerical e o da Vida Religiosa Consagrada tenderiam a enfatizar a imagem de uma Igreja, outra vez, piramidal. Depararíamos com o regresso a um espaço eclesial onde o lugar dos leigos, numa “Igreja Povo de Deus”, seria reduzido ao lugar de uma plateia meramente espectadora, sem protagonismo algum, de pessoas que se degladiam por alcançar o ponto mais alto da pirâmide.

Muito do dito anterior tem sido visto. Com todo esforço feito em vista de acompanhamentos vocacionais sérios, há um desgaste em relação aos perfis vocacionais e muitas Dioceses, Novas Comunidades, Congregações e Institutos transmitem a imagem do que é ser vocacionado e vocacionada hoje. Os desgastes nós os vemos e os sentimos quando, a cada momento, irrompe nos meios de mídia escândalos que dizem respeito à Igreja.

Geralmente, apesar do esforço de muitos e muitas, andamos na contramão do que pede o Papa Francisco aos presbíteros (também aos que estão sendo formados), em homilia de 28 de março, de 2013: *É preciso chegar a experimentar assim a nossa unção, com o seu poder e a sua eficácia redentora: nas “periferias” onde não falta sofrimento, onde há sangue derramado, onde há cegueira que quer ver, onde há prisioneiros de tantos patrões maus. Não é, concretamente, nas autoexperiências ou nas reiteradas introspecções que encontramos o Senhor: os cursos de autoajuda na vida podem ser úteis, mas viver a nossa vida presbiteral passando de um curso ao outro, de método em método leva a tornar-nos pelagianos, faz-nos minimizar o poder da graça, que se ativa e cresce na medida em que, com fé, saímos para nos dar a nós mesmos oferecendo o Evangelho aos outros, para dar a pouca unção que temos àqueles que não têm nada de nada.*

Ilustração: recorte adaptado da obra de @lunabuschinelli (Instagram)





Por que andamos na contramão desta proposta tão evangélica? Porque perdemos a consciência do significado original da vocação. Porque estamos, sobremaneira, com o olhar fixo tão somente nas nossas estruturas institucionais que temos esquecido do propósito final de se viver uma vocação, o serviço. O privilégio ganha espaço em detrimento ao serviço. Por conseguinte, estruturas físicas e espaciais de um Instituto são priorizadas em detrimento das situações existenciais de marginalização do povo de Deus abandonado, com fome, sem teto e sem carinho. Vale-se mais as casulas caras do que fazer campanha de roupa para os pobres ou dar do próprio bolso. A estética é priorizada no culto e a experiência místico-espiritual de uma comunidade vai para o segundo plano. A Igreja virtual torna-se a grande angariadora de fundos, enquanto as Igrejas locais e concretas, representadas nas comunidades de fé, padecem vazias e sem o atrativo e o esforço para o comprometimento e o envolvimento dos fiéis. Conselhos e equipes paroquiais são desfeitos para que só se faça valer a vontade dos párocos. Carismas e identidades são manipulados para a sobrevivência dos membros de congregações que mais se parecem empresas. Os perfis ultraconservadores encantam mais que a simplicidade de Jesus de Nazaré. O hábito toma o lugar do testemunho.

Somos chamados a reler a nossa vocação a partir dos sinais dos tempos. Precisamos superar o medo da morte das nossas instituições e entender que, por detrás destes sinais, a voz de Deus nos convida a um novo *aggiornamento*. Este *aggiornamento*, enquanto atualização e proposta de fomentar a vida cristã e a união entre os fiéis, o fortalecimento do chamado a todos ao seio da Igreja e da renovação das nossas instituições no tempo presente é um eco antigo e atual do Concílio Vaticano II. Seremos uma Igreja testemunhal, bonita e plena quando voltarmos às fontes do sentido da nossa vocação de batizados, para reconhecer nela o nosso chamado específico. Só assim, estaremos preparados para reconfigurar o nosso estilo de vida às exigências dos tempos atuais, mas como Igreja fiel ao seu chamado ao serviço. Somente desta maneira compreenderemos o que é essencial e o que é supérfluo e puramente exterior na proposta do seguimento de Jesus. A adesão dos discípulos ao projeto do Mestre deu-se por uma formação que ocorreu entre altos e baixos, entre escondidas e descobertas, entre os medos, escorregões, negações e traições, mas foi possível. Não temos o direito de estragar tudo.

Termino dizendo o que todos, ou a maioria, sabe: vocação é chamado, é relação. É a voz de Deus que chama e é a nossa voz que responde. Só assumiremos este compromisso depois de uma experiência pessoal de caminho com o Senhor. E só assim, interpellados pelo nosso testemunho, os vocacionados e as vocacionadas compreenderão que vocação não é carreira. São Vicente de Paulo tardou, mas compreendeu a sua vocação depois de estar com Jesus. Ele mesmo dizia: "Deus serve de diferentes maneiras para chamar alguém a seu serviço; às vezes, as próprias aflições e o cansaço do mundo dão vontade de deixá-lo. E quando a isso se soma as devidas disposições, é bom sinal de verdadeira vocação" (XII, 737). Não importa como, não importa onde. Deus chama a partir das nossas situações existenciais e se atendemos a este chamado, um caminho bonito, transparente e seguro poderá ser feito. A nossa vocação comum precisa ser assumida a partir das mesmas disposições de Jesus Cristo ou tudo estará falido. ■

Ir. Adriano Ferreira, CM

Vencendo crises inspirados em Vicente de Paulo

Uma análise pictográfica da ação de São Vicente junto aos pobres

Le *grand saint, du grand siècle*, assim Pierre Coste, biógrafo mais afamado de São Vicente, quis cognominar nosso fundador. O Século XVII, na França, foi um período de incríveis contradições. Exuberância e graves crises andaram de braços dados. Por um lado, a França passou por um período de renascimento cultural e econômico. Orbitaram por este século figuras fundamentais da cultura francesa, como Descartes e Pascal (na filosofia), Racine, Molière e La Fontaine (na literatura) e Ana de Áustria, Richelieu e Luís XIV (na política). Guerras foram vencidas, territórios anexados, Versailles foi construído, o Louvre e a Sorbonne ampliados. A cultura francesa era admirada e imitada por todo canto, enquanto a língua francesa começava a predominar nos ambientes da alta cultura europeia. Por outro lado, fora da bolha de Paris, a população campesina padecia com a fome, com a peste e com as consequências das guerras, que arruinaram boa parte do interior do país.

É nesse contexto que São Vicente se torna um gigante, a ponto de ser chamado de “Pai da Pátria” por sua incansável atuação social junto aos desfavorecidos. Ele atuou em todas as frentes possíveis e imagináveis para aliviar os sofrimentos dos pobres: esteve junto aos encarcerados, nas galeras; cuidou dos doentes nos hospitais, dos menores abandonados, ao fundar a instituição dos *Enfants Trouvés*; atuou também junto aos mendigos, esfomeados, refugiados de guerra, distribuindo sopa e dando morada aos doentes e aos loucos na sua própria casa, em São Lázaro; também atuou no auxílio aos atingidos pelas guerras e em um sem-fim de outras obras que não caberiam nos limites deste artigo.

Conhecer São Vicente para nos inspirarmos nele

Guardadas as devidas proporções, vivemos tempos parecidos com a época de São Vicente. Temos tecnologia para lidar com as doenças e resolver o problema da fome, porém, esta capacidade tecnológica de promover o bem-estar é controlada por um pequeno grupo que usufrui dela como e quando acha que deve, ao mesmo tempo em que limita o seu uso, deixando os pobres largados à própria sorte. A pandemia da Covid-19 escancarou ainda mais o abismo entre ricos e pobres. Enquanto os ricos puderam usufruir do *home office*, tendo sua saúde e empregos conservados pelo privilégio de poder ficar em casa,



Mural vicentino pintado em Nairobi, no Quênia.

os pobres, ou perderam o emprego ou tiveram que enfrentar transporte público lotado, arriscando-se diariamente em meio à pandemia. Nas cidades grandes, aumentou absurdamente o número de moradores de rua, e não há maior sinal de crise entre os pobres do que a presença de gente morando na rua. Esqueçam os indicadores econômicos! Gente morando na rua, na indignação é que demonstra o quão mal vai um país.

Neste contexto, devemos nos matricular na escola de São Vicente, e aprender com ele como ajudar a aliviar o sofrimento dos pobres em tempos calamitosos como os de hoje.

Vários caminhos são possíveis de ser trilhados por aqueles que se dispõem a conhecer São Vicente. Ler uma de suas centenas de biografias é o mais comum, conhecer o santo pelas letras de outros. Neste caso, alguém te conta quem foi São Vicente. Outro caminho, um tanto quanto mais custoso e demorado, porém, não menos instigante, é a leitura dos escritos do próprio Santo, por meio de suas obras completas. Neste caso, é como que conhecer nosso patrono pessoalmente, visitando sua intimidade, por meio da leitura de suas cartas, ou absorvendo seus ensinamentos, por meio da leitura de suas conferências.

Nos últimos tempos, tem me encantado a possibilidade de conhecer São Vicente por uma terceira via, a via da arte. Impressiona o quão rica é a iconografia vicentina, elaborada ao longo destes quatro séculos de influência do “capelão das galeras” no imaginário dos artistas católicos, especialmente os mais dedicados às causas sociais.

Título: São Vicente de Paulo
Autor: Pierre-Nicolas Brisset
Data: 1858
Local: Paris, Eglise dSt. Nicolas des Champs

Enquanto os biógrafos e acadêmicos buscam apresentar o santo da maneira mais factual possível, a perspectiva dos artistas, sobre São Vicente, é mais emotiva. A sensibilidade dos artistas se contrapõe ao rigor dos estudiosos, ao passo que os primeiros não têm um compromisso expresso com o fato, mas apenas com a ideia, podendo então, sem grandes pudores históricos, retratar São Vicente e Frederico Ozanam atuando juntos em uma favela de Nairobi, no Quênia, conforme a imagem do mural, impressa na página anterior.

Partindo então dessa perspectiva pictográfica, escolhi três obras de renomados artistas franceses, que por meio de seus quadros, procuram mostrar a importância de São Vicente e sua ação junto aos pobres, na França do século XVII. Para além disso, procurei identificar, através da análise destas obras, um pouco do método vicentino de atuar em meio aos que mais sofrem, destacando três elementos: aproximar-se do pobre, trabalhar em parceria e empoderar os pobres.

Pierre-Nicolas Brisset - São Vicente toca o pobre

Durante período áureo das “Caridades”, entre 1630 e 1650, a atuação de São Vicente era ampla e buscava remediar às mais diversas mazelas sociais. Ao lermos suas cartas ou seus biógrafos, temos a tentação de acreditar que o nosso Santo mais administrava as “caridades”, do que atuava diretamente nelas. Ledo engano, cada uma das ajudas gerenciadas por São Vicente foi incentivada por um processo de contato direto com os pobres. Compadeceu-se dos doentes, por causa das condições que encontrou ao visitar o *Hôtel-Dieu* (sem janelas e com o ar fétido pela podridão das doenças), quis ajudar aos menores abandonados, depois de tanto ouvi-los chorar largados pelas ruas e mal-tratados no Berçau, soube da devastação da Lorena, e quis ajudar àquela região, depois de ouvir os relatos dos refugiados lorenos que iam tomar a sopa dis-



Foto: Saint-Vincent de Paul Image Archive, DePaul University

tribuída diariamente por ele em São Lázaro. Mais do que um administrador, o espírito caritativo de São Vicente surge de uma experiência altamente sensorial junto aos pobres. Ele sente o cheio dos espaços onde estão os pobres, ele escuta a cada um dos seus lamentos e, como na pintura de Brisset, ele toca o pobre olhando nos seus olhos.

Brisset nos ensina que Vicente, antes de organizar qualquer obra de caridade, se aproximava dos pobres, os tocava, os ouvia, se compadecia deles a ponto de se sentir como eles “os pobres são meu peso e minha dor”.

Em tempos pandêmicos e de isolamento social, os pobres são os mais expostos. São eles que pegam ônibus lotados, são eles os primeiros a perder o emprego, a eles é que faltam leitos nos hospitais. O São Vicente pintado por Brisset, estaria nas ruas, chegando o mais perto que pudesse dos pobres, buscando escutá-los e sentir, junto com eles, suas necessidades. >>>



Foto: Saint Vincent de Paul Image Archive, DePaul University

Título: São Vicente de Paulo ajudando os habitantes da Lorena depois da guerra
Autor: Jean-Jules-Antoine Lecomte du Nouÿ
Data: 1876
Local: Paris, Eglise de la Saint-Trinité

Leconte de Nouy - São Vicente e o trabalho em parceria

De todas as crises do século XVII a pior foi causada pelas consequências das guerras. A guerra dos Trinta anos e as Fronças (breves guerras civis), devastaram os interiores da França, exacerbando problemas como a fome, a peste, a falta de moradia e de terra cultivável.

Pobres morriam de frio e inanição, amontados nas ruas ou emparedados em imóveis condenados. Os relatos dos Lorenos a São Vicente eram tão estarrecedores que o Santo chegou a suplicar a Richelieu pelo fim da Guerra: “Dê-nos a paz e tenha piedade de nós, dê paz à França!”. Não atendido pelo cardeal e primeiro ministro, recorreu a tudo e a todos para obter ajuda às vítimas dos infundáveis conflitos bélicos.

Tomando o exemplo das ajudas concretas à Alsácia e Lorena, São Vicente organizou uma verdadeira rede de caridades para ajudar àquela população: primeiro enviou missionários, que proveram a necessária ajuda espiritual, estes missionários relatavam as necessidades materiais e São Vicente se desdobrava para obter recursos. Escrevia cartas aos nobres de Paris pedindo dinheiro, criou um jornal que circulava 4 mil exemplares, mensalmente, em Paris, no qual publicava os horrores da Guerra, usava de sua influência no conselho de consciência para convencer à Rainha, Ana de Áustria, Mazarino e demais nobres da importância da ajuda financeira aos lorenos e outras tantas populações atingidas pela guerra. São Vicente sabia que sozinho não podia muito, mas usava de sua influência para comprometer o Estado, os ricos e o clero, em ações de alívio das misérias.

Trabalhar em parcerias, é o que nos ensina o santo pintado por Lecomte de Nouy, que pintou São Vicente em parceria com duas poderosas personalidades femininas, Luísa de Marillac e Ana de Áustria.

Ernest Dupont - São Vicente levanta a cabeça dos pobres

Por fim, a pintura de Ernest Dupont que também ilustra a capa desta revista, coloca São Vicente ao lado dos pobres, não como um que os ajuda, simplesmente, mas como quem caminha com eles. Na leitura de Dupont São Vicente acolhe os pobres de um modo tão especial que eles deixam de ser acobardados, agarrados a ele, eles se levantam e miram os olhos do espectador. Os pobres são os protagonistas da pintura, São Vicente está ao centro, mas quem nos olha nos olhos são as duas crianças agarradas à sua capa.

Frantz Fanon, dizia que “os oprimidos sempre acreditarão na pior versão de si próprios”, já que no processo de opressão eles tiveram a mente “colonizada”, isto é, acreditam que são piores que os ricos e que merecem a sua condição de pobreza quase que por uma suposta inerência de sua natureza. São incapazes de se colocar *tête-à-tête* com o opressor e encara-lo olho no olho. Nosso Santo quer que o trabalho vicentino quebre essa barreira, permitindo aos pobres a possibilidade de erguer a cabeça, como os meninos de Dupont, este é o primeiro objetivo.

São Vicente nos ensina, principalmente no seu trabalho junto às crianças, que é preciso ir além da assistência material e espiritual junto aos pobres. Faz-se necessário formar gerações capazes de vencer a pobreza por suas próprias forças. São grandes exemplos deste modelo de ação, a atuação de São Vicente junto ao *Berçeau* e a obra dos *Enfants Trouvés*, onde as crianças abandonadas eram cuidadas em suas necessidades básicas, mas também, por meio da atuação das Filhas da Caridade, aprendiam a ler e escrever, e vez por outra também aprendiam um ofício. Retomar o trabalho de formação é fundamental para a quebra das estruturas de pobreza que nos desafiam.

E você, caro leitor, percebeu algo além nas pinturas escolhidas? ■

Título: São Vicente de Paulo
Autor: Ernest Dupont
Data: 1853
Local: Fain-lès-Moutiers, Igreja de Santa Catarina de Labouré.



Uma história acerca do extraordinário, Exm. E Revm. Sr. Dom Antônio Ferreira Viçoso

por. Mardén Silva Balduino*

Narrado pela recontadeira de estórias Sá Dona Jacinta para a personagem Ismênia Liseu, este conto foi extraído do romance inédito “Ismênia e/ou Estórias do sertão-cerrado do Campo Belo”. Assim ela reconta:

— Sabe, Sinhá Dona Ismênia¹, há uma narrativa extraordinariamente pitoresca que envolve o profundo respeito que o Missionário Dom Viçoso nutria pelos nossos irmãos. Com a vinda desse sacerdote para esse calcanhar-de-Judas do sertão-cerrado da Farinha Podre, o povoado de Campo Belo se encontra em grandioso progresso, quer na religiosidade do povo, na agricultura, nas letras, pecuária e nas construções de casas ao lado da Capela. Também, a Congregação da Missão está construindo aqui um dos melhores colégios do Brasil! Esses padres que aqui se aportaram irradiam o saber, a disciplina, a fé, uma vez que todos nós estamos aprendendo algo grandioso, pois o povo desse povoamento manifesta o vigor, a credulidade, o ideal e a esperança dentro de seus corações. É um povo fervorado pelo saber.

— Vassuncê sabe que meu marido se chama Vicente de Paulo Nicácio e é o melhor carreiro que existe nesse Sertão. Ele tem estatura alta, é cheio de corpo, possui a mansidão, placidez e paciência de Moisés da Bíblia, a fala é mais macia do que a paina, o andar dele é vagaroso, mas decidido, é labioso, os dentes são perfeitos e bem limados parecidos com os de cavalo e é um batuta tocador de viola. Ele gosta de citar este ditado ouvido de um sermão de Dom Viçoso: “A paciência suaviza os males e os vence; o impaciente os sofre duas vezes e é vencido por eles.”

— Dona Ismênia, convém que vassuncê preste bastante atenção neste causinho, uai! Se tem uma coisa que eu prezo no meu Vicente de Paulo é o seu verniz de letras e de intelectualidade, pois tudo o que eu aletrado aqui com a senhora eu transfiro para ele, que aprende e memoriza até um pouquinho mais do que eu. Ele é cioso e zeloso pelo saber, de tomar a peito a leitura dos romances que a senhora me empresta e de ler a Bíblia Sagrada, que foi uma dádiva e oferenda de Dom Viçoso. Que a verdade seja dita pelas bênçãos do céu, por modo de confirmação eu vou agora narrar uma passagem que aconteceu com o meu marido.

— Achava-se ele na labutação de transportar uma carga de pedra tapinhocanga ouro daqui da Fazenda Belém da Perambeira para uma reparação do Colégio das Primeiras Letras da Congregação da Missão lá em Campo Belo². No momento em que ele ia descarregar as pedras, passou à sua frente o Majestoso Padre Dom Viçoso, parecendo com a figura do Todo Poderoso, com as suas vestes de cores viole-

ta e dourado. Sá Dona Ismênia, esse reverendo sempre está a feitorar as lutas a favor da libertação dos servos, e eu percebi nele as características dos grandes santos da Igreja Católica, ou seja, sabedoria e simplicidade, comunhão de ideais e serenidade, austeridade e humildade, entusiasmo exterior e sacrifício interior. Em um sermão, ele disse com estas palavras que o céu há de guardar para sempre: “Libertai esses pobres servos. Eles são homens como todos nós. Têm a alma imortal, às vezes mais pura e santa do que a de seus amos e senhores. Eles têm um coração desejoso de felicidade, alegria e profunda fé em Deus. Crime horroroso e vil! Na opressão da raça negra está o triste resumo de toda a ignomínia e degradação do Brasil”. Depois, ele disse que é necessário valorizar a vida em silêncio, a oração e contemplação da fé em Jesus Cristo.

— Mas voltemos a história do meu esposo. Quando o Vicente de Paulo terminou de descarregar as pedras, pegou a vara de ferrão e deu início à viagem de retorno. Mas, ele foi interpelado pelo venerável padre:

— Senhor carreiro, por favor, venha cá - Chamou o padre.

— Pois não, Senhor Vigário, às suas ordens!

— Por favor, meu filho, qual é o seu nome?

— Vicente de Paulo, Senhor Padre! Ah, Seu Vigário, eu recebi esse nome por obra de uma promessa feita por minha mãe ao São Vicente de Paulo.

— Olhe aqui, estou notando que você tem uma inscrição registrada em uma tabuinha à cheda do lado direito do carro de bois: Veni, vidi, vici!

— Você sabe o significado dessa expressão?

— Sei sim, Senhor Padre. A dona Ismênia ensinou para a Jacinta, que me ensinou e eu gravei na memória para a eternidade, uai! É uma expressão latina que significa: “Vim, vi e venci”.

— Dom Viçoso deu uma risada risonante, concordando com o carreiro Vicente de Paulo. Satisfeito com a resposta, ele ainda perguntou ao carreiro:

— Filho, o senhor sabe assinar o próprio nome?

— Sei, sim senhor, Seu Vigário. Só que eu não tenho lápis nem papel por mor de amostrar ao Senhor.

— Num átimo, Dom Viçoso lançou mão de seu expediente governativo e providenciou uma folha e um lápis, que foram imediatamente entregues ao carreiro. O Vicente de Paulo agasalhou o lápis entre os maciços e calosos dedos de carreiro e, com ligeireza, presteza e rapidez impressionantes espiralou, revolteou e flutuou várias vezes a mão direita sobre o papel. De repente, pôs os dedos a flutuar tais quais as asas de um guainumbi serelepe. Depois, olhou respeitosamente para Dom Viçoso como se estivesse vislumbrando

a efigie de um sacrossanto; posteriormente, com uma caligrafia librária recheada de contornos ele rubricou lenta e solenemente o privativo nome de batismo. Revelando firmeza, sociabilidade e otimismo, ele empurrou vagarosa e fleumaticamente a folha e o lápis ao presbítero.

— Meu filho, minhas sinceras congratulações. Tenho certeza, se o senhor não fosse carreiro, poderia ser um excepcional padre!

— O Vicente de Paulo Nicácio deu uma risada retumbante, pegou a grande vara de ferrão para bater em retirada e respondeu ao pé da letra:

— O Senhor me desculpe, mas a minha caneta tinteiro é essa vara de ferrão, Seu Bispo. De resto, seu reverendo, o ciúme da minha Sá Dona Jacinta Preta galopa por tudo quanto é lado desse Sertão da Farinha Podre e ela não me permitiria de jeito nenhum. Ela é muito zelosa por mim! Ademais, eu tenho que terminar de criar a bacurizada que O Deus Pai Todo Poderoso me concedeu! É muita responsabilidade!

— Dom Viçoso deu um discreto sorriso e afirmou:

— Meu bom filho, a mulher virtuosa é um dom que Deus outorga. Reze por mim a Deus, pois o Todo-Poderoso sabe o quanto necessito. Aqui vão de presente um livrinho de São Ligório, grande servo de Deus, e um terço, para serem lidos e rezados em comum com a sua ditosa família. Mas lembre-se sempre: A obrigação sagrada dos esposos é criar os seus filhos na reverência ao Deus Pai. São Paulo advoga que os pais devem dar uma boa educação aos seus filhos; caso contrário, não receberão a salvação em Cristo. Lembre-se sempre desta máxima para educar os vossos filhos: Alicerçar a honra ilibada, impossível haver maior glória na pousada.

— Nisso, o Vicente de Paulo respondeu a pé quedo:

— Uai, Seu Bispo! Quem sou eu para rezar para Vossa Santidade? Sou apenas um simples penitente!

— Perdão por meu equívoco de não lhe informar, mas eu não sou bispo. Sou um simples padre a serviço da conversão das almas de meus filhos amados.

— Meu filho, quando nós oramos, consequentemente estaremos fortificando Deus a nosso favor. A oração nos renova e nos dá a substância cristã. Meu filho, somente o Altíssimo poderia nos ensinar a rezar! Os apóstolos nos dizem: Ensinaí-nos a orar, ó Meu Deus, a fim de amesquinhar-nos dos nossos pecados com o propósito de sermos elevados à Sua presença. Ensinaí-nos a expor os nossos pecados, falhas, enfermidades, o nosso egoísmo, a fim de que nos perdoais. Portanto, meu filho, todas as orações que forem sinceras e animadas pela verdadeira fé cristã de nossos corações em Deus são fidedignamente ouvidas por Deus. Meu caro Vicente de Paulo, quando rezamos, Deus reza conosco e concomitantemente o Espírito Santo ora sobre nós. Quando a nossa oração for puríssima como a

água cristalina que borbulha da fonte e desapegada de tudo quanto for impurezas, será a mais pura expressão do amor divino. Admirável condescendência do nosso Deus! As mesmas orações que Lhes dirigimos são altíssimas mercês que Vossa Onipotência nos concede!

— Dom Viçoso, desde os soberanos dos tronos adornados de ouro e diamantes até os habitantes de uma casa humilde como a minha deveriam se constituir em seres fieis e respeitosa ao Criador. Portanto, sempre deveremos reconhecer os seus benefícios, acreditar na sua santa palavra, amá-lo sobre todas as coisas bem como submeter-nos aos seus mandamentos. Quando eu retornar a minha casa, encontrarei pelas veredas uma multidão de belas flores em estado de desabrochar com esplendor em botões, cada uma mais divinal do que a outra. As belezas e os encantos estão estreitamente escondidos, cobertos por um véu diáfano, como se fosse o mais belo quadro já representado por um pintor afamado. Ilimitada é a diversidade de flores existentes neste Sertão da Farinha Podre, Seu Vigário. Embora todas sejam belas, mas as suas belezas são farturentas: às vezes uma ultrapassa a outra, mas todas têm a sua benquerença entre nós, por uma minúcia, por algum encantamento particular. Por exemplo, a flor da lobeira não aparenta ser muito atrativa, quer pelas folhas revestidas por pelos espinhentos, quer pelo estrambótico perfume que irradia; mas às vezes eu fico durante minutos a contemplar! Os dons do Magnífico Criador foram maravilhosos na distribuição das tonalidades e perfumes dessas flores, que exalam os mais preciosos perfumes existentes e enche de felicidade e alegria a todos. Vou colher um pouquinho de flores à disposição, como as de ipê do cerrado, sempre-viva, flor da lobeira, algodão-do-cerrado, flor da cagaita e orquídeas do cerrado para aformosear o vaso de barro sobre a mesa da sala, cujos laços de seda embalsamarão de alegria as nossas vidas. À noitinha, a minha família rezará um Terço para pedir ao Todo Poderoso o perdão pelos nossos pecados. A sua bênção, seu Padre Viçoso.

— Que Deus o guarde e proteja a ti e à sua família!

— Dom Viçoso, a minha casa sempre estará aberta a uma visitação dos filhos de Deus. Lá, o Senhor será eternamente bem-vindo, bem-acolhido, bem-recebido e benquisto! Está à espera de Vossa Santidade um legítimo queijo fresco, goiabada, doce de leite na palha, pão-de-queijo, pamonhas e um cafezinho mineiro passado na hora!

Dias depois desse singelo evento, o Santo Padre Antônio Ferreira Viçoso recebeu uma missiva oficial de Dom Pedro II convocando-o ao cargo de Bispo de Mariana. Eis a missiva:

Carta-símile do Imperador Pedro II ao Exm. E Revm. Sr. Dom Antônio Ferreira Viçoso, Bispo nomeado de Mariana, Capitania de Minas Gerais >>>

Ilustríssimo e Reverendíssimo em Christo Padre Antônio Ferreira Viçoso, irmão muito Amado. Eu, Dom Pedro II, por Graça de Deus Pai Todo Poderoso, sou o Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil e a Vós proclamo muito saudar como a quem muito Amo e tenho em grande apreço. Certamente, essa epístola encontrar-Vos-há em terra mui sagrada com um céu repousado e remansado, ao prado e campinas verdosas e verdejantemente floridas, aos riachos caudalosos e piscosos, na coexistência de uma serenidade, paz eterna, calma remansosa, quietude aprazível nessa Santa Localidade de Campo Belo, incrustada na brilhante, faustosa, aurífera e riquíssima Capitania de Minas Gerais, outrora capitania das Minas de Ouro. Nossa Senhora suspira sacrossantas antifonas ao me deparar debruçado sobre a escrivainha a lhe escrever estas tão santificadas linhas epistolares. Que o Papa Pio IX e Nosso Senhor Vos Haja em Sua Santa Guarda não obstante algumas querelas inerentes ao sistema de padroado, como bem o sabes.

Ilustríssimo e Reverendíssimo em Christo Padre Dom Antônio Ferreira Viçoso, meu Irmão de coração muito Amado, venho por meio dessa missiva designá-lo, na conjuntura imperial do Regime do Padroado, para ser o Bispo de Mariana, no dia 12 de janeiro de 1844. A vossa ordenação ocorrer-se-á no dia 5 de maio de 1844, pelas mãos de Dom Manuel do Monte Rodrigues de Araújo, Dom Pedro de Santa Mariana e Sousa e de Dom José Afonso de Moraes Torres.

Tenho consciência de que O Senhor está sobrecarregado com os vossos profucos trabalhos em Campo Belo, no Sertão da Farinha Podre, mas o cargo de Bispo de Mariana está vacante desde 28 de setembro de 1835, data do falecimento de Dom Frei José da Santíssima Trindade. De fato, para o Império, a vossa aquiescência motivará um grandioso aprazimento, pois todos nós sabemos da proeminência e superioridade de vosso caráter, fé cristã, lealdade ao Império, e lhaneza aos preceitos da Igreja Católica Apostólica Romana. Há uma incomensurável Diocese, que compreende quase toda Capitania das Minas Gerais que o aguarda para ser o missionário e que coordene as missões.

Aproveito o ensejo para desejar aos moradores de Campo Belo o meu profundo carinho e gratidão. Tenho conhecimento real de que se trata de um povo cristão, inteligente, laborioso, intelectualizado e respeitoso aos preceitos imperiais. Os registros oficiais testemunharam rios de cachoeirinhas cintilantes com suas águas puríssimas, alvíssimas, transparentes, cristalinas, com centenas de peixes a flutuarem no dorso das águas que murmuram sem parar lá no diluvioso Rio Verde. Em Minas Gerais, há vários tesouros: Ouro Preto (vetusta Vila Rica), as minas de ouro, o desejo de Liberdade e os excelsos moradores do distrito de Campo Belo, que são dignos, probos, honrados e detentores de índole colossal. *Gloria In Excelsis Deo!* Auguraria

sobremaneira conhecer *in loco* as dependências do Colégio das Primeiras Letras incrustado em Campo Belo! Preconizaria que os livros trazidos do Caraça sejam doados a biblioteca dessa prestigiosa instituição de ensino. *Dominus vobiscum!* Deos vos guarde!

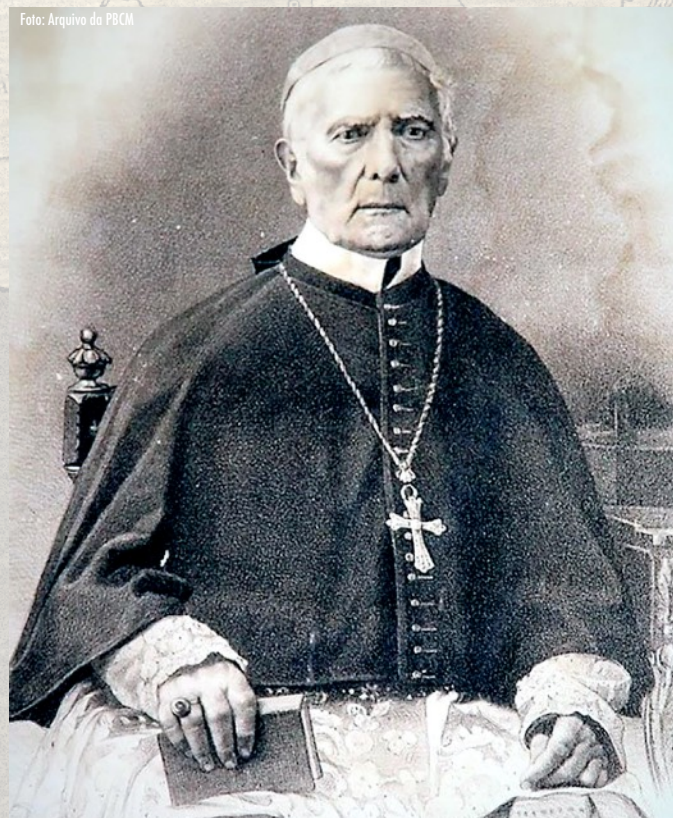
Carta Escripta no Palácio do Rio de Janeiro em 03 de janeiro de 1844. Vosso Emperador Dom Pedro II

Notas:

¹ Ismênia Liseu é a protagonista do romance inédito “Ismênia e/ou Estórias do sertão-cerrado do Campo Belo” de autoria de Márden Silva Balduino.

² O Colégio de Primeiras Letras foi construído no povoado de Campo Belo, atual Campina Verde, pelos missionários da Congregação das Missões, sob o comando do português Pe. Jerônimo Gonçalves de Macedo. Juntamente com os primeiros padres, esse missionário veio para administrar as fazendas e instalar aqui uma escola de primeiras letras, conforme era o desejo dos doadores das terras.

* Sobre o autor: Márden Silva Balduino é professor da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Natural de Campina Verde, seu avô trabalhou como carreiro na antiga fazenda da Congregação da Missão, localizada nas cercanias da cidadela de Campo Belo. Autor do romance inédito “Ismênia e/ou Estórias do sertão-cerrado do Campo Belo”. Filho de Núbia Ferreira da Silva e Juventino Balduino da Silva.



Dom Antônio Ferreira Viçoso

Sem. Leonardo Paredes

Marmitex Solidária de São Vicente de Paulo

O Projeto *Marmitex Solidária de São Vicente de Paulo* nasceu a partir de diálogos de nossos Seminaristas das Etapas do Pré-Seminário I, II e do Seminário Interno São João Gabriel Perboyre. Nossos estudantes estão atentos à realidade crescente das pessoas em situação de rua em Belo Horizonte, que, de acordo com pesquisa realizada pela Universidade Federal de Minas Gerais, é composta por aproximadamente 9.114 moradores. Sendo assim, seminaristas e formadores desenvolveram o projeto e solicitaram a colaboração financeira da Província Brasileira da Congregação da Missão para a realização desta ação emergencial.

Aos finais de semana, seminaristas, coirmãos e alguns colaboradores leigos fazem a preparação dos alimentos, separando e organizando os ingredientes, cozinhando e finalizando com a montagem das marmitas. Sendo assim, todos os domingos têm sido entregues 220 marmitas e 220 garrafas de água de 600 ml aos nossos irmãos em situação de rua.

Este projeto se iniciou durante o mês de setembro de 2020 e já conta com algumas parcerias (PBCM, Filhas da Caridade e Sociedade de São Vicente de Paulo). Acreditamos que esta iniciativa possa ser ampliada para que mais pessoas sejam beneficiadas com essa pequena ação. Inspirados por nosso fundador, São Vicente de Paulo, queremos seguir, mesmo que minimamente, ajudando aos nossos irmãos. Ele nos motiva: Eis como devemos fazer, eis como devemos testemunhar a Deus, por nossas obras, que o amamos: o amor verdadeiro se prova na ação (SVP XI, 25).

Que nossa ação a nossos mestres e senhores possa ser feita com amor e zelo.

Contribuições para o Projeto Marmitex Solidária de São Vicente de Paulo: Alimentos, água e máscaras, a serem doados nas ações aos domingos, podem ser entregues no Instituto São Vicente de Paulo, em Belo Horizonte-MG: Rua Boa Ventura, 5 – Indaia Fone: (31) 3427-0461. ■



Fotos: Enviadas por padre Hugo Borralho





Foto: Lidomir J. Silva

Pe. Rafael Lopes celebra a Eucaristia em comunidade rural, na região de Bambuí

Padre Rafael de Paula Lopes

O MISSIONÁRIO DE DEUS NO MEIO RURAL

por Pe. Luiz de Oliveira Campos, CM

Se alguém perguntar, particularmente, ao povo da zona rural de Bambuí, Tapiraí, Córrego Danta, Iguatama, ou Delfinópolis: **“Quem foi o Padre Rafael?”** a resposta estará pronta nos lábios de todos: **“Foi um Missionário de Deus no meio rural”**. Neste ano em que comemoramos o bicentenário da Congregação da Missão no Brasil, também se completam 25 anos da morte do Padre Rafael de Paulo Lopes, CM, ocorrida em 27 de outubro de 1995. Então trazemos aqui algumas recordações da sua biografia.

Rafael de Paulo Lopes nasceu em São Gotardo, aos 19 de julho de 1937. Nesta data celebrava-se, antigamente, a festa de São Vicente de Paulo. Esta a razão da palavra “Paulo” no seu nome.

Foi na sua terra um jovem vicentino que o Sr. Zico Tobias enviou para o Caraça. Lá estudou o Curso Clás-

sico, em 1952. Em Petrópolis, fez o seu Curso de Filosofia e Teologia, sendo ordenado Sacerdote em São Gotardo no dia 5 de julho de 1965, por Dom Belchior da Silva Neto, filho do Sr. Zico Tobias.

No ano de 1966, foi Professor e Disciplinário, no Caraça. Com licença provincial, foi Coadjutor do Pároco de São Gotardo, com a finalidade de ajudar financeiramente seus pais, Sr. Geraldo e Dona Luísa.

Em 1970, “o peixe foi jogado no seu habitat”. Tornou-se Vigário Coadjutor em Bambuí. Deu então os primeiros passos no seu ideal Missionário na zona rural. Em 1975, durante a festa de Sant’Ana, recebeu das mãos do Superior Geral da Congregação da Missão, Padre James Richardson, o Crucifixo de Missionário, juntamente com o Padre Luiz de Oliveira Campos, CM. Com a chegada das Irmãs Filomena Figueiredo e Berna-

dete Luz, Filhas da Caridade, estava formada a Equipe Missionária de Bambuí, em pleno Provincialato do Padre José Elias Chaves.

Após três anos missionando na zona rural de Bambuí, Córrego Danta e Tapiraí a Equipe Missionária, já com outros participantes, se despede de Bambuí e vai para Iguatama e, em seguida, Delfinópolis. Padre Rafael era a alma destas Missões. Com seu jeito alegre, comunicativo e até piadista, conquistava o povo, particularmente da zona rural.

Depois de Delfinópolis, foi ser Pároco em Pains e, mais tarde, voltou a Bambuí como Vigário Paroquial,

mas sempre voltado para a presença da Igreja na zona rural. O povo da zona rural era o seu quinhão. Não dispunha de boa saúde, até que os médicos descobriram que padecia de “doença de chagas”.

Foi para São Paulo em busca de um tratamento especializado, lá acabou encontrando a morte. Tinha apenas 58 anos de idade e 30 de sacerdócio. Seu sepultamento foi celebrado solenemente em Bambuí, no dia seguinte de sua morte, ocorrida a 27 de outubro de 1995. Bambuí era a sua terra preferida de missão.

Seu modo simples, alegre e popular de pregar, de rezar, de celebrar e de se relacionar era tão próximo ao estilo de vida do povo que ninguém ficava indiferente à sua palavra e ao seu testemunho de vida.

UM PADRE COM A CARA DO NOSSO POVO POBRE DO CAMPO

por Pe. Eli Chaves dos Santos, CM

Minha convivência com o Pe. Rafael Lopes foi pequena, mas o suficiente para perceber seu grande coração missionário, cheio de fé em Deus e de amor ao pobre povo do campo. Entre tantas, destaco duas grandes virtudes do Pe. Rafael Lopes:

1. Pe. Rafael, um sacerdote missionário cheio de fé e de amor a Deus: Ordenado padre num tempo de grandes mudanças provocadas pelo Concílio Vaticano II, Pe. Rafael buscou intensamente as razões de sua esperança e de seu trabalho. Homem agitado, voltado para ação e muito criativo, encontrou em Deus presente no povo simples, a razão de sua vida e de seu trabalho. Lia muito, rezava muito, estava sempre disposto a servir e procurava sempre a melhor maneira de realizar seu serviço pastoral. No seu modo de vida pouco convencional, falava de Deus com palavras e, sobretudo com a vida. Sem grandes teorias, programas e formalidades, vivia sua fé com alegria e simplicidade e servia a todos com grande dedicação.

2. Pe. Rafael, um grande missionário da roça: Num tempo em que a Igreja insiste tanto no anúncio do Evangelho dentro da cultura (inculturação), Pe. Rafael foi modelo de uma evangelização inculturada no mundo rural. Profundamente identificado com a vida do povo camponês, sobretudo o do centro-oeste mineiro, ele soube captar os costumes, as angústias, as esperanças e as

necessidades da gente da roça e transmitir o evangelho de modo bem original e sintonizado com a vida do povo. No seu velho carro, era incansável no atendimento das comunidades rurais, para ele não existia caminho nem tempo ruim, toda hora era sempre hora de visitar e servir os outros, para ele não havia distinção de pessoas. Seu modo simples, alegre e popular de pregar, de rezar, de celebrar e de se relacionar era tão próximo ao estilo de vida do povo que ninguém ficava indiferente à sua palavra e ao seu testemunho de vida.

Um fato significativo por ocasião de sua morte. Pe. Rafael faleceu em São Paulo e, na funerária, seu corpo foi preparado, vestido com um belo terno e gravata e transportado para Bambuí, onde foi sepultado. Em Bambuí, uma grande multidão o esperava na Igreja Matriz. Quando a urna foi aberta, uma forte reação do povo: “Este não é o nosso. Rafael! Ele não era uma pessoa de terno e gravata, mas uma pessoa pobre e simples, de camisa aberta ao peito e calça caindo!” Aí então, foi colada sobre seu corpo sua velha túnica cinza e estola verde, e o povo seguiu prontamente: “Agora sim, este é o nosso querido Pe. Rafael!” E o povo tinha razão: Pe. Rafael foi um padre com a cara do nosso povo pobre do campo, um missionário vicentino que amou e nos ensinou a amar a Deus e aos pobres de modo simples, dentro da vida concreta, com alegria e entusiasmo. ■



Celebração Eucarística durante a "Manhã de Oração da FamVin" - printscreen do YouTube

Da Redação

Viva São Vicente!

Manhã de oração reúne comunidade vicentina on-line para saudar a memória do Santo fundador

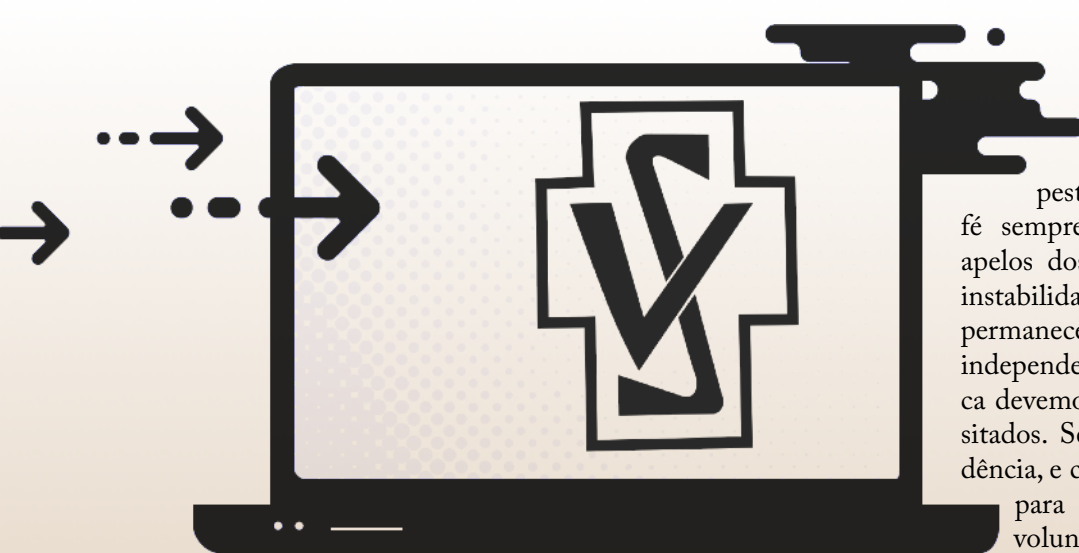
Neste 27 de setembro a solenidade pela memória de São Vicente de Paulo foi comemorada virtualmente, em uma manhã de oração transmitida ao vivo pela página do Youtube Lazaristas Brasil. A programação, organizada pela Família Vicentina Regional de Belo Horizonte e Família Vicentina Regional do Rio de Janeiro contou com a exibição de um vídeo de aproximadamente 35 minutos, que exibiu depoimentos de líderes e representantes de diversos ramos da Família Vicentina, no contexto de pandemia do novo coronavírus, informando sobre os trabalhos desenvolvidos neste período.

Em seguida, foi iniciada transmissão da Santa Missa, primeiramente com as boas-vindas do Padre Agnaldo de Paula, CM, que relatou brevemente a santa biografia do fundador da Congregação da Missão e conceituou o tema escolhido para o encontro: "sede, em tempos de crise, testemunhas de esperança" e o lema "seguir sempre e em tudo as luzes da fé". Pe. Agnaldo lembrou que a data é propícia para renovarmos o compromisso com os pobres: "acolhamos neste momento todos os membros da nossa grande Família Vicentina, nossos amigos, amigas, parentes que hoje se reúnem para festejar São Vicente de Paulo e renovar o seu compromisso de solidari-

idade com os pobres, excluídos e marginalizados de nossa sociedade".

O Pe. Eli Chaves dos Santos saudou a todos e todas da Família Vicentina, amigos e amigas, e presidiu a eucaristia e após a leitura do evangelho proferiu uma inspirada homilia. Durante a pregação, o Pe. Eli referiu-se à missão cristã vicentina no trabalho na vinha do Senhor: "Ouvimos a parábola em que o pai convida os filhos a trabalhar na vinha. O primeiro filho diz sim ao convite do pai, mas falta ao trabalho. O segundo filho recusa inicialmente ao convite, mas arrepende-se e vai trabalhar na vinha. As palavras por si não salvam. É preciso praticá-las. Dizia São Vicente: o verdadeiro amor é afetivo, mas também, efetivo. O exemplo do segundo filho é autêntico. Ele cumpre a vontade do pai, não com palavras, mas com ações. A palavra de Deus nos renova o convite para o serviço na vinha, para o serviço do reino de Deus. Chama-nos a nos comprometermos não só com palavras, mas com ações concretas e coerentes".

Padre Eli chama a atenção para a atualidade da mensagem contida na passagem bíblica: "Todos nós corremos o risco de sermos como os sumo-sacerdotes e os anciãos do povo: pessoas muito religiosas, mas com uma prática de vida contrária aos apelos do reino. Exemplos



disso não nos faltam em nossos tempos, na Igreja e na sociedade. Pessoas que se dizem religiosas, mas metidas no jogo sujo da política interesseira e egoísta, pessoas atoladas na corrupção, acomodadas em suas zonas de conforto, fechadas em seu comodismo e individualismo e indiferentes ao sofrimento do povo pobre e trabalhador. Hoje somos chamados a trabalhar na vinha, dentro de um contexto sofrido, angustiante, de pandemia. Os transtornos, os medos, as incertezas e as necessidades de cuidado não devem isentar-nos da missão. Somos chamados nesses tempos atuais a deixar-nos contagiados pelo amor de Jesus e ser uma presença contagiante, de esperança e de caridade.

Por fim, o visitador da PBCM enfatizou que a São Vicente não lhes foram estranhas as pandemias e as

grandes crises: "Vivendo num tempo marcado pela fome, pela peste, pela guerra, o seu coração e a sua fé sempre estiveram sintonizados com os apelos dos pobres. Em meio às dores e às instabilidades do seu tempo, São Vicente permaneceu convencido, convicto, de que, independentemente das circunstâncias, nunca devemos abandonar os pobres e os necessitados. Sempre confiante na Divina Providência, e convicto de que tudo deve convergir para a caridade, ele promoveu serviço voluntário, coordenou campanhas de distribuição de serviços caritativos, promoveu a colaboração, criou uma grande rede de serviços emergenciais, rezou e sacrificou-se em favor dos necessitados e dos sofredores, enviou missionários aonde os apelos dos pobres são mais urgentes. Numa fé solidária, ele se contagiou com o amor de Cristo e se fez arauto da ternura e da misericórdia divina. Que São Vicente de Paulo interceda a Deus por nós!"

Pe. Emanuel Bedê Bertunes animou parte musical da celebração, trazendo canções católicas e vicentinas, em voz e violão. O Departamento de Comunicação da PBCM realizou a transmissão ao vivo, com duas câmeras. A exibição obteve milhares de visualizações, por meio da página Lazaristas Brasil e da retransmissão da SSVV Brasil. ■

Pe. Emanuel Bedê Bertunes animou parte musical da celebração, trazendo canções católicas e vicentinas, em voz e violão. O Departamento de Comunicação da PBCM realizou a transmissão ao vivo, com duas câmeras. A exibição obteve milhares de visualizações, por meio da página Lazaristas Brasil e da retransmissão da SSVV Brasil. ■

Série de Vídeos:

PILARES VICENTINOS

O que há de peculiar e imprescindível no carisma de São Vicente de Paulo será abordado pelos coirmãos da PBCM em uma série de vídeos, disponível na página Lazaristas Brasil, no Youtube. Uma iniciativa da Comissão de Comunicação da PBCM, a web-série visa difundir os valores vicentinos, contribuindo no despertar de novos vocacionados, bem como no engajamento de leigos no auxílio aos pobres.

Os primeiros eixos temáticos a serem abordados serão Missão, Espiritualidade e Vocação. Pe. Eli Chaves dos Santos gravou a primeira sequência de cinco episódios, denominada "A missão vicentina". No primeiro vídeo, "Com Cristo, no pobre", Pe. Eli contextualiza os espectadores, trazendo a biografia de São Vicente de Paulo, contando como Vicente despertou para uma nova compreensão da realidade, com Jesus Cristo, evangelizador dos pobres.

"A missão vicentina consiste em ter os pobres como nossos senhores e irmãos, consiste em evangelizar os pobres, pois eles são os membros sofredores de Cristo. Hoje, na missão vicentina, São Vicente nos convida a voltar para Cristo, a voltarmos para os pobres, a aprofundarmos o encontro pessoal com Jesus no pobre e nele centrar nossa vida e nossa missão".

Acompanhe esta série no YouTube da PBCM: youtube.com/lazaristasbrasil

200 Anos da PBCM no Brasil: memórias de quem fez parte desta história

por Marcus Alexandre Mendes de Andrade

“Por isso, todo escriba que se tornou discípulo do Reino dos Céus é semelhante a um pai de família que, do seu tesouro, tira coisas novas e velhas”
(Mt 13,52)

E quantas coisas tiramos do tesouro de nossas memórias! Algumas lembranças eram mais velhas, de outras décadas, como aquelas trazidas a lume pelos ex-caracenses, por pelo menos 5 deles; outras eram mais recentes, de alguns anos atrás, do tempo do Engenho, de Campina Verde, dos vários seminários de Belo Horizonte e de Petrópolis, na sua versão mais moderna... Sobre essas últimas memórias, falaram quase 40 pessoas.

Apesar de serem diferentes entre si, afinal refletem a experiência tão única e indivizível de cada pessoa, todas as memórias pessoais guardam consigo um denominador comum: a alegria de uma caminhada feita sob a proteção de São Vicente de Paulo e na convivência com os Padres e Irmãos da Província Brasileira da Congregação da Missão, esta vibrante instituição que, neste ano de 2020, chega aos gloriosos 200 anos.

Nosso livro de memórias surgiu a partir da leitura do belíssimo livro escrito pelo Padre Eli Chaves dos Santos, especialmente preparado para a comemoração deste jubileu. Muito bem ilustrado e contando principalmente a história de antanho da Congregação da Missão no Brasil, o livro trouxe alguns dados do momento atual, dados estatísticos, novas obras e desafios atuais – esta, pelo menos, foi nossa leitura, certamente equivocada.

Ademais, faltava algo – sempre em nossa percepção – para o registro oficial de um jubileu tão importante como este. Possivelmente fosse a nossa participação e o que a PBCM significou para aqueles que hoje estão do lado de fora da instituição.

Como incorporar, então, os ex-padres e os ex-seminaristas neste jubileu bicentenário? Este foi nosso questionamento. Não éramos o passado glorioso, francês, caracense, marcado pela formação do clero, mas também não éramos o momento atual, em que muitos não se cansam de sonhar e lutar nas trilhas do seguimento de Jesus, evangelizador e servidor dos pobres, e continuam a consagrar suas vidas a esta obra duas vezes centenária.

Nós "ex" estamos, com efeito, num intervalo entre o ontem e o hoje. Com um pé no ontem, porque deixamos a PBCM e hoje trilhamos outros caminhos. E com o outro pé no hoje, porque ainda estamos vivos e, de uma forma ou de outra, revivemos a espiritualidade vicentina no mundo e nos dedicamos, cada um a seu modo e dentro de suas possibilidades, ao serviço dos mais pobres e necessitados. Nossas memórias, por isso, também precisavam ser escritas, afinal também nos inebriamos do patrimônio da Congregação da Missão e nos achamos envolvidos nos festejos deste jubileu.

Assim nasceu nosso “projeto memórias dos ex”. Foram alguns poucos contatos e, de repente, éramos mais de 60 ex-padres e ex-seminaristas em contato, aproveitando-se da tecnologia e das redes sociais, especialmente em tempos de distanciamento social. Um conhecia outro, que tinha o contato de um terceiro, que sabia o telefone de mais um... E assim foi...

À frente do projeto, como organizadores, estávamos Mauro Sérgio, Osmar Rufino e Marcus Alexandre. Estabelecemos alguns critérios, como quantidade de páginas e capítulos temáticos, e deixamos o grupo à vontade, para que todos pudessem nos brindar com o melhor de si e de suas experiências na PBCM.

O resultado foi melhor do que esperávamos. Os textos, feitos cada um em um canto do país, conectaram-se com perfeição, completaram-se e inspiraram outros para

que fizessem suas próprias narrativas históricas. No final, podemos oferecer aos leitores 52 textos, divididos em 5 partes.

Na primeira parte, temos as “Memórias dos Seminaristas Vicentinos”, em que cada um dos 29 ex-seminaristas pôde narrar suas experiências mais saudosas e sua vivência nas casas de formação da Congregação da Missão. São citados fatos e casos, coirmãos idosos e formadores, aventuras e amizades. Um recorte perfeito da experiência que todos, tendo saído ou não da PBCM, vivenciamos nos longos anos de formação como Missionários Vicentinos.

Na segunda parte, bem mais curta, temos as “Memórias dos Padres da Missão”. Nessa parte, 5 ex-padres narram suas memórias pessoais, desde seu processo vocacional, seu tempo de formação, seus trabalhos missionários e sua saída da Congregação.

Na terceira parte, apresentamos as “Memórias das Casas de Formação”. Outros 5 textos narram o cotidiano e as experiências vividas em alguns dos vários seminários da PBCM no Brasil. Infelizmente, alguns ficaram de fora. Mas as narrativas apresentadas sobre o Caraça, Engenho, Campina Verde, Trevo e Petrópolis conseguem abarcar a totalidade das casas de formação e da árdua experiência de formar um Padre da Missão.

Na quarta parte, temos as “Memórias do Cotidiano Missionário”. Aqui, em 11 textos, são apresentados alguns aspectos do cotidiano da PBCM e dos estudantes, como as duas faculdades, das atividades pastorais e de algumas obras, como o Caraça, a Paróquia de Campina Verde e as Missões no Vale do Jequitinhonha. Ademais, faz-se aqui um tributo às amizades fecundas, cultivadas ao longo dos anos de formação e atuação na PBCM.

Por fim, a última parte, apresenta dois textos “In memoriam”, trazendo presente a homenagem a alguns que conviveram conosco e cuja perda nos deixou extremamente abalados e menores.

Esses 52 textos de memórias formam nosso livro “200 Anos da PBCM no Brasil: memórias de quem fez parte desta história”. Não temos a pretensão de narrar fatos históricos nem de ser minuciosamente fiéis ao julgamento que a história e as pessoas podem fazer dos acontecimentos. É, essencialmente e acima de tudo, um livro de memórias, com toda força e sentido que esta palavra carrega. São recordações vivas, trazidas no coração e na mente e partilhadas com os leitores, nossos amigos de ontem e de hoje, e com aqueles que conviveram conosco no ambiente da Congregação da Missão. É nossa forma de nos unirmos a esta celebração jubilar e nos congratularmos com todos os que se mantêm nas trilhas da PBCM.

Assim, neste livro de memórias, todos os autores se colocam unidos entre si e a todos os Lazaristas pela celebração dos 200 anos da chegada da Congregação da Missão ao Brasil. Abrindo o baú do tesouro de suas memórias, além das lembranças que vêm à tona, emerge uma profunda gratidão pelo caminho feito, pela formação recebida, pelas oportunidades abraçadas. Emerge, sobretudo, a mais viva certeza de que muito do que somos hoje devemos aos Padres e Irmãos da Missão e a tudo o que, a nós e a tantos outros, ofertaram nestes 200 anos em terras brasileiras.

Com gratidão, cantamos nossos parabéns! Viva a Província Brasileira da Congregação da Missão! ■

Livro: 200 Anos da PBCM no Brasil: memórias de quem fez parte desta história

Autores: Ex-Seminaristas Vicentinos

Páginas: 542

Valor: R\$ 48,99

Editora: Livrorama

<https://www.livrorama.com.br/loja/produto/200-anos-da-pbcm-no-brasil>

200 Anos da PBCM no Brasil

Memórias de quem fez parte desta história



Ex-Seminaristas Vicentinos

A APARIÇÃO

Direção: Xavier Giannoli

Lançamento: 2017

Disponível na Amazon Prime Video

Jacques, grande repórter de um jornal francês, recebe um misterioso telefonema do Vaticano. Em um pequeno vilarejo no sudeste da França, uma jovem de 18 anos afirma ter visto a aparição da Virgem Maria. Os rumores logo se espalham, e o fenômeno toma tal dimensão que milhares de peregrinos vão se reunir no local das supostas aparições. Jacques não tem nada a ver com esse mundo, mas aceita fazer parte de uma comissão de investigação encarregada de esclarecer tais eventos.

Após perder um amigo, por uma bomba, Jaques também começa a ter problemas de ansiedade e medo constante, que aparecem em vários momentos do filme, mostrando, deste modo, a angústia desse personagem, o que deixa a trama um tanto intrigante.

Quando chega o pedido para investigar o caso da menina Anna, ele aceita. Anna mora em uma cidade pequena no sul da França. Abandonada quando criança, ela viveu em lares adotivos e abrigos a vida toda, até alegar ter visto a Virgem Maria. Com medo de que ninguém acreditasse nela, Anna guarda o fato para si, porém quando decide virar freira e vai morar num convento local, acaba contando ao padre sobre a aparição da Virgem. Este, muito devoto, faz um alarde sobre a aparição, que atrai tantos peregrinos, que enchem a cidade, quanto as autoridades do Vaticano, que se vêem forçadas a tomar uma atitude para discernir se o acontecimento é ou não verdadeiro. O bispo monta uma equipe para tal feito, que conta com uma psicóloga para diagnosticar se a menina é sã ou não, um padre e um jornalista, sendo este o do início do filme, que é contratado por não participar da vida do clero e assim possuir uma visão diferenciada do acontecimento.

A personagem Anna é simpática, gentil e misteriosa, como se tivesse algo a esconder e ao mesmo tempo como se nada tivesse realmente escondido; que deixa na dúvida sobre tal aparição. Os personagens que a cercam, tal como os padres, parecem sempre estar a esconder algo, ficam



com certa distância do grupo de investigadores, e em momentos do filme parecem "influenciar" a menina em suas decisões, além de tirarem proveito da situação, ganhando às custas de Anna e da aparição.

A história relatada no filme não aconteceu de fato, mas foram feitas pesquisas pelo diretor sobre aparições anteriores e como o Vaticano investigou-as e o que aconteceu com essas investigações. O Diretor também consegue mostrar mais de um lado da história e faz críticas tanto àqueles que não acreditam quanto aos que acreditam, à própria Igreja e ao modo como o povo trata uma aparição.

Portanto, o filme explora o mistério da fé num mundo em que a busca pela verdade torna-se cada vez mais difícil, ou seja, "A Aparição" tem a ver também com a busca da verdade num mundo extremamente midiático no qual a fronteira entre a verdade e a mentira tende a ficar cada vez mais abalada. Contudo, o que nos atrai neste filme é o mistério da fé operando sem provas e sempre permeado por uma "intuição de transcendência no ser humano"! Vale a pena conferir! ■

Pe. Alexandre Nahass Franco, CM

Há 50 anos...

O poeta Carlos Drummond defendia a permanência do original de Ataíde no Santuário do Caraça

Santa Ceia à brasileira

Datada de 1828, a tela "A Última Ceia", de Manuel da Costa Ataíde, mais conhecido como Mestre Ataíde, merece um destaque especial em sua obra, regularmente citada como uma de suas obras mais importantes. Realizada para o tradicional Colégio do Caraça, obra da PBCM, é uma composição em que fica explícita sua qualidade de criador original, introduzindo em uma cena altamente icônica, elementos de descontração e informalidade, dando "um toque de graça profana a uma passagem tão tocante da vida de Cristo". Diversos detalhes anedóticos dão vivacidade à composição, como as serviçais em atividade, sendo uma delas mulata, e a animada interação coreográfica dos Apóstolos com Cristo. Outros introduzem associações heterodoxas para a doutrina católica, pois sobre a mesa aparecem ossos de carneiro, "em flagrante contradição com os rígidos preceitos do Catolicismo de outrora, quanto à restrição de consumo de carne durante a Quaresma".

A tela foi emprestada para o Governo de Minas Gerais nos anos 1970, por ocasião da inauguração do Palácio das Artes, em Belo Horizonte, e temeu-se que ela nunca mais fosse devolvida, "pagando", desta forma, os gastos públicos para levar o asfalto até o Caraça. O colégio estava, na época, ainda abalado pelo desastroso incêndio de 1968, que encerrou sua brilhante trajetória como educandário da elite brasileira, mas salvando-se porém a obra do pintor. O caso despertou uma reação veemente no escritor Carlos Drummond de Andrade, que escreveu um poema sobre isso: *Ataíde à Venda?*, o qual vale transcrever:

"Que vale ter Ataíde// e não ter teto e parede?// Ser um sacrário de arte,// a mais pura arte mineira,// orgulho do nosso Estado// e da alma brasileira,// sem ter como restaurar// a velha casa de ensino// onde ensinamos a amar// as criações do passado?// Debatem os lazaristas// o grave dilema, enquanto// Manuel da Costa Ataíde// e sua tela, suprema// esperança de resgate// da indigência caracense,// viram tema de comércio.// Corre, corre, Aureliano,// vai, Conselho de Cultura,// depressa, Assembleia, vai,// salva os padres agonizados// da prontidão que os achaca,// e salvando-os, preservando-os// da mercantil ameaça,// salva a arte, salva a glória,// salva o máximo tesouro,// a riqueza que não passa:// Cristo-Ceia do Caraça!"

A obra, no final, voltou à sua casa. O colégio foi restaurado e também a tela recebeu reparo pelo Centro de Conservação e Restauração da Universidade Federal de Minas Gerais. Viva Ataíde e Carlos Drummond de Andrade, dois grandes artistas nacionais amigos dos lazaristas. ■

Foto: Adriano Ferreira



“(...)dever-se-ia ainda fazer de modo que todos os outros pobres, que não tem terras, pudessem ganhar um meio de viver, dando aos homens instrumentos para trabalharem e às mulheres estopa ou lã para fiarem, mas só às mais pobres. Agora estamos em paz, todos encontrarão com que se ocupar e, não havendo mais soldados para roubar, poderão colher alguma coisa e recuperar-se pouco a pouco”.

São Vicente de Paulo, VII, citado por Luigi Mezzadri

